Renan Ramires de Azevedo
Sueli Maria Ramos da Silva
(Orgs.).

SEMIÓTICA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO

Produções e práticas de análise

Rfb Editora

SEMIÓTICA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO: PRODUÇÕES E PRÁTICAS DE ANÁLISE

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Renan Ramires de Azevedo
Sueli Maria Ramos da Silva
(Organizadores)

SEMIÓTICA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO: PRODUÇÕES E PRÁTICAS DE ANÁLISE

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
91 98885-7730
Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12, Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Souza
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto e capa
Organizadores

Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

S471

Semiótica em estágio docência na graduação: produções e práticas de análise / Organizadores Renan Ramires de Azevedo, Sueli Maria Ramos da Silva. – Belém: RFB, 2023.

142 p., fotos.; 16 X 23 cm
Livro em PDF

ISBN: 978-65-5889-571-8
DOI: 10.46898/rfb.ab740622-48b9-4071-af88-3e48804aeda1

1. Semiótica. 2. Ensino Superior. I. Azevedo, Renan Ramires de (Organizador). II. Silva, Sueli Maria Ramos da (Organizadora). III. Título.

CDD 302.222

Índice para catálogo sistemático

I. Semiótica

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Profª. Drª. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Profª. Drª. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Profª. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof.ª Drª. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof.ª Drª. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Prof.ª Drª. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.ª Drª. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

SUMÁRIO

PREFÁCIO **9**

CAPÍTULO 1
A FIGURA FEMININA NO FEMINEJO 'AS PATROAS': UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA MÚSICA 'TODO MUNDO MENOS VOCÊ' **13**

Pâmela dos Santos Fuzaro

CAPÍTULO 2
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ANIMAÇÃO JAPONESA: GIVEN E A MÚSICA **29**

Lohayne dos Santos Souza

CAPÍTULO 3
O TEXTO SAGRADO COMO OBJETO DE ANÁLISE SEMIÓTICA: SALMOS 08 EM QUESTÃO **37**

Gabrielly Santana de Oliveira

CAPÍTULO 4
A FIGURATIVIZAÇÃO DA MORTE EM SANDMAN **49**

Indaya de Souza Nogueira

CAPÍTULO 5
ANÁLISE SEMIÓTICA DO NÍVEL DISCURSIVEL DE "THE LAST NIGHT ON DARILLIUM" **61**

Jaisson Ilizandro Negromonte Parreira

CAPÍTULO 6
CORPO, PLASTICIDADE E TEMATIZAÇÃO INDÍGENA EM FOTOGRAFIAS DE SEBASTIÃO SALGADO **79**

Eliel de Oliveira Dias

CAPÍTULO 7
***GOD IS WOMAN*: TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO DO TEXTO-FÍLMICO VIDEOCLIPE DA ARIANA GRANDE** **95**

Lívia Barros Medina

CAPÍTULO 8
ANÁLISE SEMIÓTICA DO FILME PONYO: UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR 113
Daniela Neves Urbanek

CAPÍTULO 9
VINGANÇA AOS FREYS: ANÁLISE DO EPISÓDIO DA SÉRIE GAME OF THRONES..... 121
Bruna Rodrigues Salles

CAPÍTULO 10
A REGÊNCIA NA GRADUAÇÃO SOBRE SEMÂNTICA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCÊNCIA..... 129
Renan Ramires de Azevedo

ÍNDICE REMISSIVO..... 139

SOBRE OS AUTORES/ORGANIZADORES 140

PREFÁCIO

Este livro digital foi desenvolvido a partir da ação de Estágio Docência na disciplina Semiótica Discursiva I, a fim de reunir os resultados desta disciplina ofertada no período 2022.2, pelos Cursos de Letras, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). De maneira geral, ressalta-se que este Estágio Docência é advindo do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), como requisito obrigatório aos alunos bolsistas do Programa, desenvolvido em parceria com o professor supervisor da disciplina. No que concerne à disciplina Semiótica Discursiva I, ela não faz parte da grade regular de disciplinas obrigatórias dos Cursos de Letras, sendo ofertada, portanto, com caráter optativo naquele semestre. Desse modo, sua oferta foi expandida, para além dos Cursos de Letras, para os cursos da FAALC como um todo, englobando os cursos: Letras com Habilitação em Português e Espanhol; Letras com Habilitação em Português e Inglês; Jornalismo; Audiovisual; Artes – Licenciatura; e Música.

A disciplina em questão, como a própria rubrica de seu nome já evidencia, empenhou-se em apresentar os preceitos fundamentais teórico-metodológicos da teoria Semiótica Discursiva. Além desses preceitos gerais, a disciplina teve como intuito popularizar a teoria semiótica, demonstrando também suas possíveis aplicações para o processo de leitura e na apreensão científica do sentido dos mais variados tipos e gêneros de textos verbais e não-verbais.

Conforme o curso foi se desenrolando, o planejamento da disciplina, bem como o acompanhamento do estágio permitiu e provocou o exercício analítico semiótico por parte dos acadêmicos graduandos. A partir disso, esta obra reúne exatamente a produção

desses graduandos em sala, a partir de suas tentativas, reflexões e processos de aprendizagem e leitura semiótica sob objetos que se empenhavam em analisar e que, até o fim da disciplina, desenvolveram. Assim, este livro reúne artigos e ensaios que podem contribuir para perspectiva no sentido da apreensão de objetos semióticos, tendo em vista, a novidade no olhar peculiar de semioticistas juniores que, a partir de seus lugares no mundo hoje, elegeram textos mais contemporâneos e ainda pouco explorados no cenário dos estudos semióticos em desenvolvimento. No conjunto desses textos, portanto, encontram-se análises de fotografias com temáticas indígenas, História em Quadrinhos atuais, textos fílmicos, dentre séries, filmes e animações. Frisa-se, no entanto, que tais produções como afirmado, foram desenvolvidas por graduandos, ressaltando-se que são análises de sujeitos que ainda estão em processo de apreensão da teoria, sob uma porta de entrada, com breves noções epistemológicas, dos limites da teoria, e terminológicas, acerca do jargão semiótico.

Deste modo, este livro está organizado em dez capítulos, sob a autoria de distintos autores, de distintos cursos de graduação. Ao apresentarmos respectivamente, o primeiro deles é de autoria de Pâmela dos Santos Fuzaro que, com seu texto intitulado "A figura feminina no feminejo 'As patroas', analisa a letra da música popular sertaneja Todo mundo menos você, composto por Marília Mendonça e Maiara e Maraisa (2021), averiguando a relação de conjunção/ disjunção entre os actantes narrativos da respectiva letra analisada.

O segundo capítulo, intitulado "Uma análise semiótica de animação japonesa", foi escrita pela, até então acadêmica de graduação, Lohayne dos Santos Souza. Neste texto, Souza, a partir também do nível narrativo do percurso gerativo de sentido, analisa a animação japonesa Given, principalmente no que se refere a narratividade

vinculada ao personagem Given e sua relação com o objeto-valor Música.

Gabrielly Santana de Oliveira, por sua vez, insere-se como autora do terceiro capítulo deste e-book. Neste texto intitulado "O texto sagrado como objeto de análise", Oliveira examina o discurso bíblico fundador, a saber Salmo 08 em questão, sob a ótica da tematização e figurativização, da sintaxe discursiva.

Em sequência, o quarto capítulo, de Indaya de Souza Nogueira, intitula-se "Sandman em História em quadrinho", e nele, a autora se empenha em analisar a narrativa de Sandman, contudo, sob a perspectiva figurativa da versão em História em quadrinhos.

Dando continuidade, o acadêmico Jaisson Ilizandro Negromonte Parreira, ao se debruçar sob um texto fílmico, disserta o quinto capítulo, denominado "Análise semiótica do nível discursivo de The last night on darillium" Em seu texto, Parreira se atenta tanto pela figuratividade dos temas evidenciados pela expressão visual de seu corpus, como, atenta-se também às falas, texto verbal oralizado que figuratizam também os temas constatados pelo autor.

O capítulo que sucede-se é o "Corpo, plasticidade e tematização indígena em fotografias de Sebastião Salgado", de Eliel de Oliveira Dias. Neste texto, Dias opta por analisar textos visuais, mais especificamente fotografias, que as quais, segundo o autor, manifestam-se por meio da figurativização da presença do corpo indígena marcando identidade e a tematização indígena em cheque.

O sétimo capítulo, por sua vez, de autoria de Lívia Barros Medina, intitula-se "God is Woman", e empenha-se em analisar o texto fílmico God is Woman, videoclipe da artista estadunidense Ariana Grande. A análise de Medina neste texto se desenvolve a partir dos dispositivos teórico-metodológicos do nível discursivo do percurso

semiótico de análise, utilizando, mais especificamente, a semântica discursiva.

O capítulo seguinte, intitulado "Análise semiótica do filme Ponyo", empenha-se em analisar o texto fílmico apontado no título, utilizando-se os recursos do nível fundamental. Nesse sentido, a autora, Daniela Neves Urbanek, esquematiza as categorias mínimas fundamentais ordenando-as no quadrado semiótico, conforme se evidenciam diante das categorias tímicas de valor percurso da semântica fundamental.

O nono capítulo, intitulado "Vingança aos freys", Bruna Rodrigues Salles analisa um episódio da série Game of Thrones, a partir da figurativização visual das cenas do episódio.

Por fim, o último capítulo, de Renan Ramires de Azevedo, empenha-se em celar esta obra, relatando como se deu a aula de regência do Estágio Docência de seu mestrado. Dessa maneira, neste texto apresenta-se considerações acerca do plano de estágio, bases teóricas no planejamento da aula e as análises e literaturas apresentadas aos alunos como amostras de exercício analítico semiótico no que se diz ao assunto tratado naquela aula: semântica discursiva.

Dessa maneira, este livro se faz necessário tendo em vista, primeiramente, as poucas materializações de estágios docências sob o assunto de semiótica no Brasil; além do fato de apresentar análises realizadas por estudantes do nível da graduação, exemplificando movimentos a favores da popularização da apreensão de sentidos por meio desta teoria, desta metodologia e por meio de autores que a estudam ainda hoje esta perspectiva na França e no Brasil.

Renan Ramires de Azevedo

CAPÍTULO 1

A FIGURA FEMININA NO FEMINEJO 'AS PATROAS': UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA MÚSICA 'TODO MUNDO MENOS VOCÊ'

Pâmela dos Santos Fuzaro

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte da avaliação da disciplina Semiótica discursiva I, ofertada como optativa no segundo semestre de 2022 e ministrada pela Professora Dra. Sueli Ramos. O objetivo principal é realizar uma análise semiótica na canção femineja, *Todo mundo menos você*, interpretada pelo trio conhecido como "As Patroas", composto por Marília Mendonça e Maiara e Maraisa, presente no álbum *Patroas 35%*, lançado no ano de 2021.

Esse artigo está estruturado da seguinte forma: 2. *A música como objeto de pesquisa*, nesse tópico será apresentado a importância da música como objeto de pesquisa, bem como sua relevância para o processo histórico e social dos indivíduos. 2.1 *Canções do feminejo*, aqui destaca-se um subgênero musical, extraído do sertanejo, conhecido como feminejo e sua importância para a construção da figura feminina.

No tópico 3. *Semiótica: o aparato teórico-metodológico*, será discutido as teorias relacionadas aos estudos de Greimas, como também o trajeto da Semiótica discursiva, vertente francesa, desde seus anos iniciais até o momento em que se consagrou como disciplina. Em 3.1 *Percurso gerativo dos sentidos*, salienta-se o instrumento base, usado para a construção dos sentidos do texto, assim como sua subdivisão em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Os teóricos Barros (2019), Fiorin (2016) e Tatit (2003) desempenham um papel importante para a fundamentação teórica nesta parte do artigo.

Após, realizar-se-á a análise semiótica no objeto selecionado, a canção *Todo mundo menos você*, das "Patroas". A análise a ser desenvolvida partirá do segundo nível do percurso gerativo de sentido, ou seja, o nível narrativo. Nessa parte do artigo, será analisado de que maneira o sujeito da música realiza seu espetáculo narrativo, mediante

ao discurso empoderador ou não, conforme a proposta apresentada pelo projeto feminejo.

Por fim, os últimos tópicos serão as 5. *Considerações finais*, onde serão relembrados os objetivos, tal qual se foram alcançados ou não, e as *Referências*, isto é, toda a bibliografia consultada para a construção/escrita do artigo.

A LETRA DA MÚSICA COMO OBJETO DE PESQUISA

Segundo Jodelet (2017), a música é um importante repertório teórico para a "produção social simbólica" de uma sociedade. Ela é responsável também por representar as ideias e pensamentos dos sujeitos em um determinado tempo e espaço cultural. Como objeto de pesquisa, a música nos permite analisar as condições e representações sociais de uma comunidade, como também o processo histórico de um lugar.

De acordo com Napolitano (2002), o gênero musical que instaura-se como um importante símbolo do processo histórico social do Brasil é o sertanejo. Esse estilo musical iniciou-se entre as décadas de 20 e 30, porém teve seu auge somente nos anos de 1950, além disso configura-se como um gênero musical mais voltado ao homem do campo.

Com base em Saretto (2022), a música sertaneja abriu portas para outros artistas e gêneros musicais. O sertanejo inicialmente foi subdividido em raíz, romântico e universitário, porém com o passar dos anos, a música sertaneja mesclou-se a outros gêneros e assim foram criados subgêneros como: funknejo (funk com sertanejo), pagonejo (pagode com sertanejo), arrochanejo (arrocha com sertanejo), entre outros.

CANÇÕES DO FEMINEJO

Destaca-se dessa abertura, supracitada, a aceitação em relação às vozes femininas e uma vertente mais protagonizada por mulheres, denominada de feminejo. Saretto (2022) diz que as pioneiras desse subgênero musical são Marília Mendonça; Maiara e Maraísa; Simone e Simaria; e Naiara Azevedo. Esse grupo de mulheres ficou conhecido entre os anos de 2014 e 2015, porém já estavam no mundo da música muito antes disso.

O termo feminejo é "uma expressão criada e utilizada pelos meios de comunicação para denominar o que seria uma "extensão" da música sertaneja." (PERES; SILVA; 2019, p. 144). As autoras afirmam que o termo é usado para denominar as canções sertanejas, cantadas por mulheres, canções essas que representem o empoderamento feminino. As feminejas cantam sobre valores morais e sociais, sobre liberdade de poder sair para beber, sair à noite, ser independente, ir a motéis e ficar com quem quiser, sem ser criticada. Além disso, as músicas falam sobre traição, sofrência, pegação, baladas e bebidas, temas proibidos às mulheres há alguns anos.

O empoderamento feminino, conforme León (2001), relaciona-se com a reversão das relações sociais, as quais as mulheres eram e ainda são submetidas quanto ao seu papel na sociedade. A expressão empoderamento surgiu nos Estados Unidos, em detrimento aos movimentos referente aos direitos civis, e logo foi utilizado nos anos 70 pelas feministas da época. Denomina-se como empoderamento feminino a subversão da mulher de um apagamento que lhe foi imposto durante muito tempo.

Logo, a fim de demonstrar como esses discursos empoderadores, por parte dessas canções, são enunciados nas letras, por meio dos estudos semióticos faremos uma análise utilizando-se

do esquema narrativo, para averiguar se a canção pertencente a esse gênero, *Todo mundo menos você*, realmente é uma canção que empodera a figura feminina. Antes da análise, no tópico a seguir, uma breve apresentação sobre a Semiótica discursiva.

SEMIÓTICA: O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

No âmbito dos estudos dos discursos, por volta da segunda metade da década de 60, quando a vertente Estruturalista das ciências humanas, modelo da linguística de Ferdinand Saussure (1916), estava no ápice das teorias, o pesquisar lituano Algirdas Julien Greimas foi responsável pela fundação do projeto da semiótica discursiva (doravante SD). A obra fundadora dos estudos da semiótica de linha francesa, foi o livro de Greimas intitulado *Semântica Estrutural (1966).*

Segundo Tatit (2003), a SD se constituiu através de diferentes áreas epistemológicas, por isso seu caráter indisciplinar, uma das grandes influências dessa linha de pesquisa foi a Linguística Estruturalista de Saussure, dela decorreram os elementos pensados em relação a euforia e disforia. Outras influências vieram da Antropologia de Lévi-Strauss e da Sintaxe vieram as proposições de Lucien Tesnière e de Vladmir Propp em sua narrativa *Morfologia do Conto Maravilhoso.*

Esta disciplina tem como objeto de estudo o texto e não a palavra ou frase. Conforme Diana Barros (2019), a SD se preocupa com a significação do texto, ou seja, quais os mecanismos e procedimentos operam na construção de sentidos e sobretudo como esses elementos se relacionam com a sociedade e a história:

> [...] o texto se organiza e produz sentidos, como objeto de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações

> ideológicas específicas, como um objeto de comunicação. (BARROS, 2019, p. 188)

Logo, conclui-se que o sentido do texto, objeto de estudo, não é depreendido apenas da modalidade escrita, mas também da oral, visual, olfativa, gestual, ou mesmo das diferentes expressões que uma modalidade pode oferecer, como exemplo, um filme que para a semiótica é concebido como objeto de estudo, e nele, as diferentes manifestações como trilha sonora, imagem, iluminação, entre outros elementos, contribuem para os sentidos do texto. A semiótica como disciplina trabalha no plano de conteúdo dos textos, verificando os seus sentidos, como o texto se organiza para dizer o que diz (BARROS, 2019).

PERCURSO GERATIVO DOS SENTIDOS

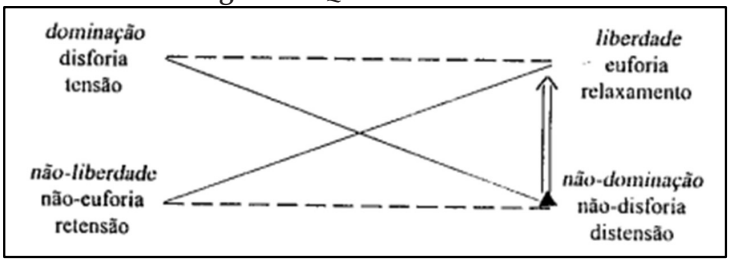
Para Fiorin (2016), o percurso gerativo de sentido está relacionado com o processo de descrição adequado, em que se produz e se interpreta o sentido do texto. Assim como Fiorin, Barros (2019) afirma que os sentidos são gerados e constituídos gradativamente nos textos, assim sendo, o percurso gerativo é trilhado por um caminho de sentidos que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Os dois pesquisadores descrevem o esquema partindo da segregação das três etapas do percurso: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo, cada um desses processos se subdividem em um componente semântico e um componente sintático.

O primeiro nível do percurso, o fundamental, é considerado o mais simples e abstrato, pois segundo Barros (2019), dele decorre a oposição semântica da categoria tímica, isto é, os valores do texto são colocados em oposição, como por exemplo, liberdade e dominação. A autora ainda vai afirmar que essas oposições serão determinadas "pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos e considerados

atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos" (BARROS, 2019, p. 189). Já do ponto de vista da sintaxe elementar essas oposições podem ser negadas ou afirmadas.

A análise desse nível pode ser efetuada através de um quadro semiótico, em que se encontram os termos contrários, contraditórios, complementares e as operações de negação e afirmação, como no modelo abaixo, quando Barros analisa *A Galinha*, de Chico Buarque:

Figura 01: Quadro semiótico



Fonte: (BARROS, 2019, p. 190).

Na segunda etapa do percurso, o nível narrativo, destaca-se a importância das propostas de Vladimir Propp (1970) para o desenvolvimento do esquema narrativo canônico. Conforme Barros (2019), dividido em três percursos: manipulação, ação e sanção, o esquema narrativo é construído por elementos mais simples, por enunciados narrativos, e são organizados hierarquicamente.

Os enunciados narrativos são apresentados por dois tipos, os de estado e os de transformação, sendo que no primeiro o "sujeito e objeto mantêm entre si relações transitivas estáticas" (BARROS, 2019, p. 195), isto é, o sujeito está em conjunção ao objeto ou em disjunção ao objeto. E no segundo enunciado, a relação entre eles é dinâmica, ou seja, é a transformação de um estado para o outro.

Com base em Fiorin (2016), por existirem dois enunciados narrativos, há também duas espécies de narrativas mínimas. A primeira, de privação, é quando o sujeito está no estado inicial em

conjunto ao objeto e termina no estado final disjunto desse mesmo objeto, e o de liquidação, que é quando o sujeito passa a ter o objeto.

Dentre os percursos narrativos, a manipulação está relacionada com o agir sobre o outro, melhor dizendo, é quando um sujeito leva outro a querer ou dever fazer algo. O agir sobre o outro pode ser decorrente de quatro tipos de manipulação: a tentação, a intimidação, a sedução e a provocação.

Na fase da ação, ou como divide Fiorin (2016), a fase da competência e performance, respectivamente, a primeira refere-se ao sujeito que realiza a transformação principal da narrativa, sendo ele dotado de um saber e poder fazer; enquanto a performance é a transformação central dessa narrativa.

Por fim, a última fase do percurso narrativo, é a sanção, ou em outras palavras, a constatação da realização ou não da performance, consequentemente, o reconhecimento da operação de transformação que realizou o sujeito. Logo, termina aqui a parte da sintaxe narrativa, para que seja apresentado por Fiorin (2016), no trecho abaixo, a parte da semântica narrativa:

> A semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos nos objetos. Numa narrativa, aparecem dois tipos de objetos: objetos modais e objetos de valor. Os primeiros são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, são aqueles elementos cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal. Os segundos são os objetos com que se entra em conjunção ou disjunção na performance principal (FIORIN, 2016, p. 36-37).

Após esse pequeno resumo do primeiro e segundo nível, adentramos na última etapa do percurso gerativo de sentido, o nível discursivo. Nele encontra-se uma organização narrativa, conforme vai dizer Barros (2019), determinada pelo tempo, espaço e pessoa, ou seja, essa organização é temporalizada, espacializada e actorializada. Estas categorias são dependentes dos efeitos de sentidos relacionados à

aproximação ou distanciamento do sujeito enunciador, além de que são dispositivos de desembreagem. Segundo a autora, a desembreagem é dividida em dois tipos:

> [...] enunciativa, quando o efeito é de proximidade da enunciação, graças ao uso de primeira pessoa *eu*, do tempo presente *agora* e do espaço do *aqui*, ou enunciva, quando se produz o efeito de distanciamento da enunciação, com o emprego da terceira pessoa *ele*, do tempo do *então* e do espaço do *lá* (BARROS, 2019, p. 204, grifos da autora).

Os discursos que apresentam efeitos de proximidade da enunciação, como é o caso da enunciativa, são considerados discursos subjetivos e de envolvimento. Já no caso dos discursos enuncivos, os efeitos de distanciamento da enunciação são determinados de objetivos e neutros.

Ao que se refere à parte semântica, desta última etapa, a tematização e a figuratização são o que determinam o enriquecimento do discurso. Em relação ao primeiro, temos a disseminação em traços semânticos apresentados de forma abstrata, enquanto no segundo, esses traços semânticos são apresentados por traços sensoriais.

Portanto, em um breve resumo sobre o que a SD estuda, ademais de seus aparatos teóricos e metodológicos, encerra-se essa parte do artigo. No tópico a seguir, a realização da análise do objeto, por meio do esquema narrativo.

LETRA/*CORPUS*

Todo mundo
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo (só queria que você soubesse)
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo (que toda minha mudança é genuína)
Todo mundo, todo mundo vê (genuinamente por você)
Todo mundo, menos você

Dizem que eu ando bem melhor depois que eu terminei
Todo mundo consegue enxergar o quanto eu melhorei
Engraçado ver eles pensando que eu te superei

Mesmo entendendo que o problema nunca foi você
Se não tivesse ido, eu não ia me resolver
Tava confortável, né?
E ninguém aprende assim

Aprendi
Mas cadê você pra me aplaudir?
Se todo mundo viu, por que você não tá vendo
Todo esse esforço que eu tô fazendo?
Pra fazer você se sentir orgulhoso
Pra fazer você se apaixonar de novo

Se todo mundo viu, por que você não tá vendo
Todo esse esforço que eu tô fazendo?
Pra fazer você se sentir orgulhoso
Pra fazer você se apaixonar por mim de novo

Todo mundo
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo, menos você (4x)

Olha, não é pra te colocar pressão
Mas é eu queria saber se você gostou da minha nova versão
Caso não tenha gostado, me avisa, tá tudo bem
A gente corre esse risco quando muda por alguém
E ninguém aprende assim

Aprendi
Mas cadê você pra me aplaudir?

Se todo mundo viu, por que você não tá vendo
Todo esse esforço que eu tô fazendo?
Pra fazer você se sentir orgulhoso
Pra fazer você se apaixonar de novo

Se todo mundo viu, por que você não tá vendo
Todo esse esforço que eu tô fazendo?
Pra fazer você se sentir orgulhoso
Pra fazer você se apaixonar por mim de novo

Todo mundo
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo, menos você (todo mundo, todo mundo, todo mundo vê)
Todo mundo, menos você

Todo mundo
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo, menos você
Todo mundo
Todo mundo, todo mundo vê
Todo mundo, menos você

ANÁLISE

Antes da análise em si, torna-se necessário retomar algumas informações sobre o segundo nível do percurso gerativo de sentido. Como citado sobre Vladimir Propp (1970), sua obra *Morfologia do Conto Maravilhoso* foi uma importante proposta no desenvolvimento da semiótica, principalmente pensando na organização narrativa, ou seja, no esquema narrativo canônico.

Esse esquema canônico subdivide-se em três percursos, segundo Barros (2019), o percurso da manipulação, responsável pela transformação de um ou mais estados; o percurso da ação, organizado em dois programas narrativos, o da *performanc*e e o da competência; e por fim, o percurso da sanção, onde o destinador dará ao destinatário o reconhecimento pela realização ou não do acordo. Todos esses percursos são constituídos por unidades elementares simples e hierarquicamente organizados.

Tendo essas considerações em vista, a análise será realizada na letra da canção femineja, *Todo mundo menos você*, do trio as "Patroas". Destaca-se a narrativa mínima construída em um percurso de estado inicial, uma transformação e o estado final, decorrente da organização do esquema narrativo canônico.

O percurso do esquema narrativo examinado a seguir, será concebido através da organização hierárquica do programa narrativo organizado na transformação do estado inicial de conjunção ao estado final de disjunção do sujeito/destinador, em relação ao amor do sujeito dos estados/destinatário da canção.

Salienta-se o trecho "Pra fazer você se apaixonar por mim *de novo*", para demonstrar que o sujeito operador, doravante destinador, já esteve em conjunção ao objeto-valor, amor, do sujeito dos estados,

doravante destinatário, mas no momento atual ele encontra-se em disjunção desse amor, e depreendemos essa afirmação através da locução adverbial "de novo", o que nos leva a entender que o destinatário amava, porém não ama mais.

Para chegar ao estado de conjunção em relação ao objeto-valor, amor, do destinatário, o destinador irá propor um acordo, com o objetivo de reconquistar esse amor, para tanto, ele tenta persuadi-lo, levando o destinatário a querer amá-lo novamente. O percurso da manipulação traçado pelo destinador é por meio da tentação, ou seja, ele apresenta valores que julga ser de desejo do destinatário.

Abaixo alguns trechos que exemplificam a tentativa de manipulação, em que o destinador evidencia suas mudanças positivas como forma de conquistar o destinatário: "(só queria que você soubesse)/ (que toda minha mudança é genuína)/ (genuinamente por você)" e "Dizem que eu ando bem melhor depois que eu terminei/ Todo mundo consegue enxergar o quanto eu melhorei". O destinador procura persuadir o destinatário mostrando ser uma pessoa confiável novamente, isto é, ela é uma nova e melhor pessoa.

A interpretação realizada pelo destinatário consiste em modalizar a proposta do destinador, ele é quem determina se o destinador parece e é confiável. No caso da canção, julga que o sujeito operador parece mas não é: "E ninguém aprende assim/ Aprendi/ Mas cadê você pra me aplaudir?", pois a partir dos trechos entende-se que apesar da mudança, o destinatário não deixou-se levar pela persuasão.

No percurso da ação, ou competência e *performance*, temos que o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer. "O sujeito que opera a transformação e o que entra em conjunção ou em disjunção com um objeto podem ser

distintos ou idênticos" (FIORIN, 2016, p. 31). Na canção, o sujeito que pretende sair do estado de disjunção para entrar no de conjunção é o destinador, porém ele não é o que opera a transformação da narrativa, pois somente acontecerá a depender do querer do destinatário a conceder a conjunção do destinador. O destinatário, a partir da letra, possui competência mas não concede o procedimento de junção do destinador, sendo assim, o destinatário – a quem se refere o destinador – é portador de um poder fazer, mas de um não-querer fazer.

A *performance* então é a fase que efetiva a ação central da narrativa. Na música das "Patroas", não sabemos se a transformação de fato acontece, mas o que tudo indica é que o destinador, ainda que depois da tentativa de manipulação, mostrando ser uma pessoa melhor, não consegue o amor, objeto-valor, do destinatário: "Todo mundo, todo mundo vê/ Todo mundo, menos você."

A última fase é a sanção, nela chega-se a constatação de que a *performance* não se realizou: "Caso não tenha gostado, me avisa, tá tudo bem/ A gente corre esse risco quando muda por alguém". Olhando sob um outro ponto de vista, temos uma reviravolta, o sujeito que até então era o manipulador da história, acaba sendo o manipulado, pois ele acredita que está mudando como forma de conquistar o outro. Mas, na verdade, o outro é que é o manipulador que leva o sujeito destinador a mudar por ele.

A partir dessa constatação, feita pelo esquema narrativo canônico, chega-se a uma conclusão. O sujeito que diz eu na canção, a representação do feminino, acaba por não ser ou agir de forma empoderadora. Como foi possível ver na fase da sanção, ele é quem foi o manipulado, uma vez que a mulher mudar para agradar alguém que não a si mesmo, não é uma forma de demonstrar reversibilidade nas relações sociais e sim é uma submissão à aceitação da ordem/ desejo advindo do representante masculino. Logo, a letra da música

contradiz a proposta do projeto feminejo, pois não possui em sua letra um empoderamento feminino, como parte essencial desse subgênero protagonizado por essa vertente mais feminina de cantoras sertanejas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise da letra da canção *Todo mundo menos você*, composta pelo trio conhecido como as "Patroas", foi possível apreender, através do percurso gerativo de sentido ou mais precisamente pelo esquema narrativo canônico, a compreensão do sentido e o entendimento do objeto analisado, em prol da representação feminina.

A partir disso, percebemos que a letra canção não tem um viés empoderador, como proposto pelo projeto das canções do feminejo, pois evidenciou-se uma manipulação por parte do destinatário, já que o sujeito da canção muda seu jeito de ser, como forma de agradar o amado, submetendo-se assim aos desejos da figura masculina.

Portanto, tais sentidos somente foram assim apreendidos, devido a análise em torno do segundo nível do percurso gerativo de sentido, o narrativo. Logo, conclui-se que a semiótica é uma disciplina em que os sentidos se manifestam através do plano do conteúdo de um texto. Como afirmam os estudiosos da área: "fora do texto não há salvação".

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). *Introdução à Linguística II:* princípios de análise. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2019.

_____. *Teoria Semiótica do Texto.* 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da Enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

JODELET, Denise. Representações sociais e mundos de vida. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2017.

LEÓN, M. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. La ventana, (13), 94-106, 2001. Disponível em: http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/pperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf Acesso em: 21 ago. 2022.

MENDONÇA. Marília (part. Maiara e Maraisa). Todo mundo menos vocês - Disponível em: https://www.letras.mus.br/maiara-maraisa/todo-mundo-menos-voce-part-marilia-mendonca/ Acesso 10 de out. de 2022.

NAPOLITANO, Marcos. História e música. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PERES, A. S. E. P.; SILVA, D. C. **A produção simbólica da mulher nas canções do Feminejo**, Universidade Estadual Vale do Acaraú - Bacharelado em Ciências Sociais - **Revista homem, espaço e tempo**, abril, 2019, p. 141-160.

SARETTO, P. A. **O que há de feminista no feminejo?** Gênero musical, identidades de gêneros e disputas dentro da música sertaneja. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022, p. 46-68. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22409/PPPGCOM.2022.m.09336783980 Acesso em: 12 de ago. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral.* 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

CAPÍTULO 2

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ANIMAÇÃO JAPONESA: GIVEN E A MÚSICA

Lohayne dos Santos Souza

INTRODUÇÃO

Given pertence a um gênero popularmente conhecido como anime (animação japonesa) que se difundiu de maneira avassaladora entre pessoas de todas as idades, mas principalmente em adolescentes e crianças. Este trabalho não é pioneiro na análise semiótica de animes, encontra-se em plataformas de trabalhos acadêmicos diversos artigos sobre as produções japonesas mais clássicas como *Naruto, Death Note* e *Sailor moon.* Também existem análises de filmes animados, como em Santos e Drigo (2020), que possui como objeto teórico a animação *Your name*, e a clássica lenda do fio vermelho[1]. Diferente dessa, o presente artigo busca construto teórico a partir de Fiorin (2022), Greimas e Fontanille (1993), além de Matte e Lara (2009) e tem como objeto uma obra que, até então, não fora trabalhada na perspectiva semiótica.

Como objeto teórico, analisaremos adiante uma cena do nono episódio da série animada, na qual a banda, formada pelos protagonistas da animação, finalmente apresenta sua nova composição em um pequeno show. Essa análise será realizada a partir do nível narrativo, que será melhor explicitado abaixo.

METODOLOGIA

Pode-se definir, [...], semiótica como um conjunto significante que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma (GREIMAS, 2021).

A Semiótica do Discurso de linha francesa, utilizada como construto teórico do presente trabalho, tem o texto como seu objeto de estudo e procura analisar e explicar os sentidos e intenções que o

1 A "'Akai Ito" é uma lenda que diz que quando a pessoa é destinada a outra, ambas têm um laço vermelho que as ligam, no dedo mindinho. O laço pode embaraçar, emaranhar, mas ele nunca quebra. O laço não é visível a olho nu, mas está lá desde o momento do nascimento (EBRAMEC, 2016).

envolvem. Essa corrente de estudo é englobante, não se limita apenas a textos escritos, mas a todos os tipos de textos, sejam eles escritos, orais, visuais, sincréticos, etc. A análise é feita a partir de uma série de procedimentos que são definidos a depender do recorte do nível, sendo três níveis possíveis: fundamental, narrativo e discursivo.

A partir da premissa do nível narrativo, serão analisados na cena: **1- O sujeito; 2- O objeto; 3- Enunciado de fazer;** e **4- Enunciado de estado.** Os **Enunciados de fazer** se definem por aqueles que: "mostram as transformações, a passagem de um estado para outro" (FIORIN, 2022, p. 28) enquanto os **Enunciados de estado** são: "os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto" (FIORIN, 2022, p. 28). Além dessas divisões, existem as seguintes subdivisões, que se nomeiam como percurso narrativo:

a) Manipulação: um sujeito age sobre o outro a fim de induzi-lo a querer/fazer algo;
b) Competência: saber/poder fazer que se desencadeia na performance;
c) Performance: fase em que ocorre a mudança de estado, a realização da competência;
d) Sanção: constatação e julgamento da performance, reconhecimento da mudança de estado, que pode ser tanto positivo quanto negativo.

As categorias citadas acima (FIORIN, 2022) compõem uma narrativa complexa, componentes pertencentes à uma análise semiótica no nível discursivo.

DESENVOLVIMENTO

Como afirmado desde o início, nosso objetivo geral é o de analisar a Animação Japonesa *Given*, principalmente no que se refere a narratividade vinculada ao personagem Given e sua relação com o objeto-valor Música. Dessa maneira, nossas discussões analíticas se

desenvolvem por meio de variados tópicos de observação: apresentação do sujeito; do objeto; percurso da manipulação; da competência; da performance; e da sanção.

Vale ressaltar que para análise, recortamos figuras-registros estáticos advindos do Pinterest para demonstração da aplicação da teoria no objeto, tendo em vista que se trata de um texto-fílmico, animação. Assim, passemos à análise propriamente dita.

A priori, é necessário definir na cena o sujeito. Neste caso, têm-se mais de um sujeito na cena, visto que o anime é focado no grupo musical, todavia serão analisados somente dois personagens:

Figura 1 – Mafuyu, o sujeito

Fonte: Pinterest

Mafuyu é um novo membro da banda, que ainda está em fase de aprendizagem na música. Ele possui boas relações com todos do grupo musical, em especial com Uenoyama, o segundo sujeito da análise.

Figura 2 – Uenoyama, o sujeito 2

Fonte: Pinterest

Contextualização: Uenoyama é um talentoso guitarrista e membro antigo do grupo musical. Ele é quem está ensinando Mafuyu (sujeito 1) a aprender tocar guitarra.

Sem dúvida, o que inicia e alimenta a relação dos personagens é a **música.** É o elemento que permeia a trama da obra e também o objeto da presente análise. Sendo assim, é a música que entrará em conjunção ou disjunção com o sujeito analisado.

A problemática em questão é que Mafuyu (sujeito 1) ainda não se sentia pronto e não queria atuar como vocalista no show, apesar de Mafuyu e Uenoyama terem composto a música juntos com a melodia cantada por ele. Com isso, a banda decidiu apresentar somente o instrumental, porém, uma corda da guitarra de Mafuyu arrebentou e no momento em que Uenoyama estava trocando-a, ocorreu o seguinte diálogo: Uenoyama (sujeito 2): *"Mafuyu, eu gosto do seu som... Eu tava(sic) tentando te dar um empurrãozinho, mas quando percebi, estava sendo puxado por você"* (GIVEN, 06:54 – 07:06m)

A partir disto, percebe-se a manipulação de sedução por parte do sujeito 2 (manipulador) agindo sobre o sujeito 1 (manipulado) que desperta o querer/fazer em Mafuyu.

Deste ponto, o sujeito 1 começa a refletir sobre sua dificuldade em se expressar, como se houvesse algo preso dentro dele. Pode-se transcrever essa reflexão como a competência de Mafuyu, pois ele mesmo, naquele momento, notou a capacidade e a necessidade que tinha de fazer aquilo, ou seja, o poder/fazer do personagem.

Figura 3 – A performance de Mafuyu

Fonte: Pinterest

Neste momento, o sujeito 1 opera a transformação do **enunciado de estado:** A banda inicia o instrumental e logo após, Mafuyu começa a cantar. Sua performance como vocalista alterou de disjunção com a música para conjunção com a música, seu objeto de desejo, e esta alteração, ou seja, o cantar do sujeito 1 é o **enunciado de fazer.**

Nesta última fase, "ocorre a constatação que a performance se realizou, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação" (FIORIN, 2022, p. 31). O reconhecimento da performance de Mafuyu é percebido na reação da plateia, imediatamente quando começa a cantar, as faces do público esboçam surpresa e admiração e ao final da música, a banda é ovacionada.

No quadro abaixo, é possível observar o esquema narrativo da obra:

Quadro 1- Percurso narrativo

Sujeito (fazer)	**Transformação**	**Sujeito (estado)**	**Conjunção ou disjunção**	**Objeto de valor**	**Valores semânticos**
Mafuyu	Cantar	Mafuyu	Conjunção	Música	Realização, emoção, expurgo

Fonte: Elaboração da autora

CONCLUSÃO

A partir desta análise, pode-se perceber que a sequência canônica que compõe a narrativa resultou em um enunciado de fazer que alterou o enunciado de estado. Dessa forma, compreende-se que: O sujeito 2 operou uma manipulação sobre o sujeito 1 > Essa manipulação despertou o querer/fazer desse sujeito > Esse querer desencadeou no poder/fazer (competência) > A competência resultou na performance > A performance resultou na sanção (recompensa).

Assim, explicita-se como o nível narrativo cabe para analisar obras como animações japonesas, que não são comumente utilizadas como objeto. Também se destaca a eficiência da utilização do percurso narrativo para compreender os sentidos de uma narrativa.

REFERÊNCIAS

EBRAMEC. **Curiosidades da China**: A lenda dos fios vermelhos. 2016. Disponível em: https://www.ebramec.edu.br/curiosidades-da-china-lenda-dos-fios-vermelhos-akai-ito/ Acesso em: 05 nov 2022.

FIORIN, J. L. **Elementos da análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2022.

GREIMAS, A. J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2021.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

MATTE, A. C. F; LARA, G. M. P. **An outline of Greimasian semiotics**. Alfa, São Paulo, v.53, n.2, p.339-350, 2009.

SANTOS, A. L.; DRIGO, M. **O. Transformação de Hábitos pelo Potencial de Significados do Filme-Anime Your Name**: a Comunidade Otaku no Brasil e o Encontro de Culturas. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020

CAPÍTULO 3

O TEXTO SAGRADO COMO OBJETO DE ANÁLISE SEMIÓTICA: SALMOS 08 EM QUESTÃO

Gabrielly Santana de Oliveira

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe-se a realização de uma análise acadêmica pautada no estudo Semiótico de linha francesa, postulada por Greimas, iniciada em meados de 1966. Assim como, outros campos do conhecimento linguístico, a Semiótica surge da necessidade, visualizada por Greimas, de uma teoria que se encontra explicações a respeito das significações que emergem dos textos, vale ressaltar, que Greimas buscou descobrir os mecanismos que levam as narrativas se configurarem como são, independente das condições de verdade, distanciando-se assim, do que buscava os estudos semânticos, por exemplo.

Reconhecendo a assertiva teoria greimasiana, pode-se afirmar, que todo e qualquer texto, mobiliza-se em um processo de significação dando origem ao seu significado, sendo assim, o artigo que segue analisa a *Bíblia Sagrada*, a saber, um salmo. A *Bíblia Sagrada* é um livro que reúne passagens históricas, provérbios, figuras alegóricas, e como os Salmos, poesias são encontradas em seu conteúdo.

Ao todo há 150 Salmos no livro sagrado, e como todo e qualquer texto, os Salmos contêm seus mecanismos de significação, configurando-os como objetos analisáveis através da semiótica, especificamente, o Percurso Gerativo de Sentido. O empreendimento aqui almejado é identificar como se dá a depreensão do sentido através da leitura do salmo de número 08, como o leitor consegue significar uma leitura escrita aproximadamente no ano 500 a.c, ademais, das inúmeras traduções e versões que o livro possui ao redor do mundo.

Após a breve introdução aqui desenvolvida, a seção seguinte trará o aparato teórico nos quais a análise está assentada, além da preocupação de melhor abranger a Semiótica e o Percurso Gerativo de Sentido. Em sequência, a análise será efetuada de forma a responder

os questionamentos já suscitados anteriormente, e por fim, a conclusão trazendo a trajetória criada pelo presente estudo.

APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A princípio, o lituano Algirdas Julien Greimas começa suas investigações na nova teoria, com a obra "*Semânica Estrutural*" (1966), como já exposto, distinta da semântica como conhecemos, a teoria recebe nova nomenclatura, Semiótica, e procura revelar o processo das significações presentes nos textos:

> Assim, os efeitos de sentido percebidos pelo falante pressupõem um sistema estruturado de relações. Por conseguinte, a Semiótica não visa propriamente ao sentido, mas a sua arquitetura, não tem por objetivo estudar o conteúdo, mas a forma do conteúdo. Em termos mais simples, poder-se-ia dizer que a Semiótica deseja menos estudar o que o texto diz ou por que diz o que diz e mais como o texto diz (FIORIN, 2002, p. 132).

Como bem situado por Fiorin, a Semiótica não se atém ao significado, ou o que o texto diz, mas sim, em como o texto diz e como se realiza o desenvolvimento de sua arquitetura. O falante consegue atribuir sentido em textos verbais, mas também em imagens, pinturas e músicas, tal fato revela que um mesmo conteúdo pode-se identificar variadas maneiras de expressão, fato também observado por Greimas.

A investigação aqui conferida tem enfoque na Semiótica Discursiva e, por conseguinte, observa que o Percurso Gerativo de Sentido se constitui como o mecanismo presente nos textos que possibilita processo de significação:

O percurso gerativo é constituído de três patamares: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas. Vale relembrar que estamos no domínio do conteúdo. As estruturas serão manifestadas como texto, quando se unirem a um plano de expressão no nível da manifestação. Cada um dos níveis do

percurso tem uma sintaxe e uma semântica. (FIORIN, 2002, p. 133) O percurso é constituído por níveis e como o próprio nome explicita, é um caminho no qual a análise semiótica percorre o nível mais superficial (discursivo) ao profundo (fundamental) e descobre assim, sua estrutura produtora de significado. O fragmento destaca que cada nível tem componentes semânticos e sintáxicos, sendo disposto da seguinte forma:

Nível Discursivo: ---- sintáxico: actorialização; espacialização; temporalização. ---- semântico: temas; figuras.
Nível Narrativo: ---- sintáxico: actantes; enunciado elementar; programa narrativo; esquema narrativo canônico. ---- semântico: atualização dos valores; modalidades; modalização
Nível Fundamental: ---- sintáxico: categoria elementar. ---- semântico: euforia vs. disforia.

Segundo Tatit (2002), o nível profundo, denominado fundamental, refere-se às oposições presentes na narrativa, pela escolha das palavras, a narrativa pode conter elementos contraditórios ou contrários. Pode ser disfórica, ou seja, negativa de alguma forma, ou eufórica, positiva. A euforia e disforia podem apresentar-se na mesma narrativa, oriundas das transformações.

Seguindo para o nível intermediário, denominado narrativo apresenta como se dá o desenvolvimento dos actantes, se há manipulação e como é realizada, bem como, as ações produzidas mediante a manipulação. Nesse nível, observa-se o desejo dos sujeitos que os guiam na narrativa, ademais, das transformações que se originam de tais anseios, pois o sujeito pode estar disjunto de se seu objeto desejado, por exemplo.

Por fim, temos a superfície das narrativas, os elementos observáveis, mas que são importantes para a apreensão dos sentidos. Denominado nível discursivo, nele encontram-se as delimitações de

espaço, tempo (debreagem e embreagem), actores envolvidos, e claro, as temáticas operantes na narrativa. Todos os níveis trabalham em união, e se conectam uns aos outros no mecanismo de significação, e tudo é depreendido do texto, sem a necessidade de recorrências a fatores externos ou conhecimentos prévios.

Apresentada a disposição do percurso, a observação aqui empreendida terá como fundamento o nível discursivo, especificamente, seu componente semântico: temas e figuras. Por se tratar do corpus *Bíblia Sagrada*, tais componentes semânticos constituem-se adequados para o desenvolvimento do estudo, e vantajoso, pelo rico vocabulário trazido pelo objeto escolhido. Ao realizarmos a leitura do salmo 08, identificamos termos expressivos para evocar a mensagem pretendida, portanto, a presente análise faz-se importante e produtiva.

ANÁLISE

A análise busca identificar os temas e figuras presentes no objeto escolhido, tendo como base os postulados de Fiorin (2000), em que discorre sobre como se daria as figuras e os temas. Os temas são entendidos como termos conceituais não correspondentes do mundo natural (abstratos): "Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc." (FIORIN, 2000, p. 91), dessa forma, categoriza o mundo natural compondo o significado das "coisas" do mundo.

As figuras são o contrário, elas concretizam os temas, pois são correspondentes do mundo natural: "A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc." (FIORIN, 2000, p. 91), ou seja, os temas são visualizados na superfície textual (nível discursivo) pelas figuras

empregadas. O *Dicionário de Semiótica* (2021) traz as definições dos termos utilizados por este campo de estudos linguísticos, encontra-se na definição do conceito *tematização*, o seguinte exemplo:

> [...] o valor "liberdade" pode ser tematizado – levando-se em conta os procedimentos de espacialização e temporalização da sintaxe discursiva – seja como "evasão espacial" (e figurativizada, numa etapa posterior, como embarque para mares distantes), seja como "evasão temporal" (com as figuras do passado, da infância e etc.) (GREIMAS, 2021, p. 454).

Como pontua Greimas, a tematização está relacionada com os demais elementos que correspondem à sintaxe discursiva, como a espacialização e temporalização, pois tais fatores influenciam em que circunstâncias os termos estão submetidos, por essa razão, a palavra liberdade possui duas figuratizações. Anteriormente, foram expostos os níveis do Percurso Gerativo de Sentido trazendo o trabalho em conjunto que realizam, principalmente, o último nível em que identificamos os elementos superficiais dos textos. O nível discursivo foi eleito para a análise do objeto, mais precisamente os componentes semânticos temas e figuras, para tanto, lava-se em consideração o fato de que os temas e as figuras estão em conjunto com os demais constituintes de cada nível presente no percurso.

Vale destacar, que o salmo de n° 08 da *Bíblia Sagrada* analisado, será extraído do site – *bibliaonline.com.br*, correspondente a versão Almeida Revista e Corrigida (ARC). O Salmo possui nove versículos escritos pelo rei Davi ao cantor-mor, intitulado: Cântico da noite estrelada. Oriundo do latim *psalmus,* os Salmos são composições que louvam e engrandece uma dada divindade, dessa forma, babilônios, sumérios e outros povos antigos também tinham os seus próprios Salmos. Tal composição possui uma escrita poética e puramente emotiva. Os Salmos que compõem a Bíblia estão alocados no Antigo Testamento e em sua maior parte foram escritos pelo rei Davi, como é

o caso do objeto em análise, mas também, houve outros nomes como: Salomão, Asafe, os filhos de Corá e, também, Moisés.

> *Salmos 8:1-9*
> *"1Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória sobre os céus!*
> *2Da boca das crianças e dos que mamam tu suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres calar o inimigo e vingativo.*
> *3Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;*
> *4que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?*
> *5Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos e de glória e de honra o coroaste.*
> *6Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés:*
> *7todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo;*
> *8as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.*
> *9Ó Senhor , Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!"*

Ao observar o título apenas, "*Cântico da noite estrelada*", nota-se uma projeção poética e podem-se imaginar temas que abrangem as estrelas propriamente ditas, a diversidade natural, por exemplo. No entanto, ao decorrer da leitura, uma abertura a outras temáticas são realizadas, são elas: – grandeza Divina, a criação, soberania de Deus sobre a criação, fragilidade humana e importância do homem. Depreendem-se tais temáticas pelas figuras que permeiam os versículos. Segue agora, como se dá a significação de cada temática:

- Grandeza Divina: "*quão admirável é o teu* ***nome*** *em* ***toda*** *a* ***terra****, pois* ***puseste*** *a tua glória* ***sobre os céus****!*".

As palavras destacadas são figuras que revelam a grandeza Divina, a palavra *nome* refere-se à pessoa Divina, como aquele que está acima de todo indivíduo que existe na Terra, em seguida, há o verbo *puseste* indicando que Deus possui a autonomia de colocar sua grandeza *sobre os céus*, isto é, sua grandeza está para além da ordem natural, está acima de todo ser vivente e de tudo o que existe no Planeta Terra.

- A criação: "[2]*Da boca das* ***crianças*** *e dos que mamam tu suscitaste força, por causa dos teus adversários, para fazeres calar o inimigo e vingativo.* [3]*Quando vejo os teus* ***céus****, obra dos teus* ***dedos****,* ***a lua e as estrelas que preparaste****;* [7]*todas* ***as ovelhas e bois****, assim como os animais do* ***campo****;* [8]*as* ***aves*** *dos céus, e* ***os peixes*** *do* ***mar****, e tudo o que passa pelas veredas dos mares."*

Nesses versículos, as figuras identificam as criações de Deus, em que temos as *crianças, os céus, a lua e as estrelas,* destaca-se o termo *dedos,* expressando que a própria pessoa Divina criou com suas mãos todos os outros elementos mencionados. Acrescentam-se os animais:

as ovelhas, bois, as aves, os peixes, ademais, dos espaços, *campo e mar*.

- Soberania de Deus sobre a criação e fragilidade humana: "[4]*que é o* ***homem mortal para que te lembres*** *dele? E o* ***filho do homem****, para que o* ***visites****?* [5]*Contudo, pouco menor o fizeste do que os* ***anjos*** *e de glória e de honra o coroaste."*

O salmo traz o *homem mortal/filho do homem*, ou seja, o ser humano, como o menor de toda a criação e ainda, diante ao Criador. Observa-se que o *homem mortal* é também uma das figuras que compõe a temática criação, assim como os *anjos.* Tais versículos esclarecem que a pessoa Divina contempla o homem, ainda que seja menor que os anjos e toda a criação. Destaca-se também, a soberania do Criador sobre a criatura, pois é Deus quem atribui honras e glórias a tudo o que há, os verbos de ação são todos efetuados pelo Criador, ele é soberano sobre toda a existência, fazendo as escolhas que lhe apraz.

 Importância do homem: "[6] *Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas* ***mãos****; tudo puseste debaixo de* ***seus pés****."*

Mesmo que o homem seja frágil diante ao Criador e toda a existência que há, Deus entregou as obras de suas próprias mãos sobre o domínio dos homens. A figura *pés* indica que tudo está abaixo dos seres humanos, e isso foi concedido pelo próprio Criador, como expressa a figura *mãos,* conferindo ao homem certa importância diante as outras criações.

Pode-se visualizar com a análise realizada que os Salmos não só são poéticos, mas desenvolvem temáticas de grande valor para o homem, como por exemplo, a temática da importância do homem para Deus. Outro ponto seria quanto à fé, o salmista Davi, por meio das figuras que utilizou, revela a grandeza de Deus trazendo aos fiéis à confiança de que o Criador é soberano sobre tudo o que há, conferindo ao leitor uma significação que o ajuda a viver.

CONCLUSÃO

Os estudos Semióticos Discursivos, de linha francesa, idealizado em 1966 por Greimas trazem grandes contribuições para a linguística, principalmente, nos dias atuais, em que há uma pluralidade de mídias e textos diversos. A semiótica consegue extrair do próprio meio (texto) seus significados, sem recorrência a fatores ou conhecimentos externos, para tanto, ela se constitui como uma extensão aprofundada de outros estudos, como os semânticos.

O Percurso Gerativo de Sentido constitui-se como um percurso em que sem que o leitor perceba, as significações que apreende são advindas de um longo processo composto por três níveis: Fundamental, Narrativo e Discursivo; respectivamente: profundo, intermediário e superfície. O presente trabalho possibilitou compreender brevemente a parte discursiva, campo semântico de temas e figuras, e, por se tratar da superfície, evidenciou como o processo de significação ocorre na prática.

O objeto escolhido foi o salmo de n° 08 que compõe a *Bíblia Sagrada*, com a identificação dos temas, surge o questionamento, como tais temáticas foram reconhecidas nesse texto? A pergunta é respondida graças aos estudos semióticos, afinal, a resposta está no próprio texto: as figuras. Como foram trabalhadas, as figuras

concretizam os temas, dessa maneira, o leitor compreende a mensagem transmitida. Cada palavra dentro do texto "esconde" não só o nível discursivo, mas o fundamental e narrativo, os mesmos em conjunto fazem com que os termos utilizados se encontrem em determinadas posições (circunstâncias), que permitem que determinadas temáticas sejam identificadas.

Portanto, compreende-se o porquê a interpretação de textos diversos é fundamental para o indivíduo em suas atividades diárias, mas infelizmente, por vezes, a escola restringe a compreensão dos alunos à modelos/métodos de leitura que os fazem pensar que não são capazes de entender. Entretanto, partindo das perspectivas semióticas, há um percurso, que quando percorrido, traz as significações, pois simples identificações de personagens, espações e tempo, por exemplo, são reconhecidas devido à capacidade que o leitor teve de visualizar todos os processos existentes naquele determinado texto.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). *Introdução à Linguística II:* princípios de análise. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2019.

BÍBLIA ONLINE. Salmos 8: ARC - Almeida Revista e Corrigida. [S. l.], 2009. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/arc/sl/8>. Acesso em: 02 dez. 2022.

CONCEITO.DE.. Conceito de salmo. [S. 1.], 2016. Disponível em: <https://conceito.de/salmo.>

_____. *Teoria Semiótica do Texto.* 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da Enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural:* pesquisa e método. São Paulo: Cultrix, 1966.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral.* 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. 2002.

CAPÍTULO 4

A FIGURATIVIZAÇÃO DA MORTE EM SANDMAN

Indaya de Souza Nogueira

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo colaborar com os estudos semióticos aplicando a teoria francesa em objetos ainda não explorados, seguindo sua atual tendência. Nesse sentido, o objeto escolhido para análise é a personagem Morte, da série de histórias em quadrinhos *Sandman*, escrita por Neil Gaiman e publicada em 29 de novembro de 1988, pela Vertigo, um selo da *DC Comics*, vindo a ser considerada a primeira história em quadrinhos a se tornar um *best seller* literário do *The New York Times.*

O presente trabalho se justifica diante de variados motivos. O primeiro deles, se justifica por ser resultado de uma das avaliações da disciplina optativa Semiótica Discursiva I, oferecida pelos Cursos de Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Um segundo motivo seria devido à realização de uma revisão da literatura que demonstrou a escassez de trabalhos referentes a especificamente à figurativização de personagens e sobre o objeto em questão: a HQ de Sandman.

A GERAÇÃO DE SENTIDO E A SEMIÓTICA

A perspectiva teórica usada na análise, baseia-se na semiótica discursiva francesa, que tem como foco o parecer do sentido, ou seja, os mecanismos linguísticos e a forma como eles são usados na criação de um determinado sentido. Dessa perspectiva, tomamos como material bibliográfico os estudos referentes ao percurso gerativo do sentido de Fiorin (2000, 2011), Barros (2005, 2019) e a obra *Dicionário de Semiótica* de Greimas e Courtés (2008), que atuou como bibliografia complementar.

No que concerne ao percurso gerativo do sentido, podemos conceituá-lo, em primeira instância, como um modelo de produção do

sentido. Dessa forma, o percurso gerativo do sentido é construído por diferentes patamares organizados de forma que possamos cruzar esse caminho em direção ao sentido buscado na análise do objeto:

> Os níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo. Em cada um deles existe um componente sintático e um componente semântico. [...] Numa teoria do discurso a sintaxe contrapõe-se à semântica. No entanto, tem ela, em ambos os casos, uma acepção relativamente comparável (FIORIN, 2000. p. 20-22).

Nesse ínterim, o percurso gerativo é organizado em níveis e nasce da dualidade entre a sintaxe discursiva e a semântica discursiva, atuantes nos diferentes patamares do discurso e depreendendo-se uma da outra. Logo, dentro do percurso gerativo do sentido e seus níveis, os diferentes objetos discursivos estão presentes, assim como o aparato teórico necessário para a análise. Compreendida dentro do nível narrativo e da semântica do discurso, a figurativização, para Fiorin (2000, p. 90):

> No nível narrativo, temos esquemas abstratos: por exemplo, um sujeito entra em conjunção com a riqueza, um sujeito opera uma disjunção entre alguém e a vida. Mas quem são esses sujeitos? A conjunção com a riqueza se deu como? Tirar a vida de alguém foi crime ou legítima defesa? É a semântica discursiva que reveste e, por isso, concretiza as mudanças de estado do nível narrativo.

Diante do exposto, podemos dizer que é dessa lacuna na semântica discursiva, que surge a necessidade da figurativização. Sendo assim, é a figurativização presente no nível narrativo da qual vai se valer a presente análise, buscando o sentido da concretização da Morte na HQ de Sandman, percorrendo o caminho da semântica discursiva e do que foi postulado como percurso figurativo.

SANDMAN E A MATERIALIZAÇÃO DA MORTE

A narrativa do quadrinho parte da perspectiva de Sonho[1] (ou Sandman). Sonho é irmão de Morte e de mais cinco figuras que personificam, de forma antropomórfica, fatores relacionados à vida e a humanidade, sendo eles: Destino, Delírio, Desespero, Destruição e Desejo. Dessa forma, a narrativa criada por Neil Gaiman é desenvolvida sob a vigilância dos sete perpétuos, na qual eles apresentam uma relação de poder e responsabilidade com a raça humana.

Logo, no decorrer da narrativa os "perpétuos" estabelecem diferentes relações entre si e com os humanos, essas relações atuam de forma simbólica na narrativa, já que a personificação dos personagens chamados perpétuos representa a relação que os seres humanos têm com esses fatores. Sabemos que, ao longo da história da humanidade, o homem sempre representou os diversos conceitos que permeiam sua existência de forma figurada, compondo o signo linguístico, referente a conceituação saussuriana, na qual o signo é formado pelo significante e o significado. Logo, a semiótica depreende-se do conceito de signo cunhado pela linguística saussuriana e, emprestando novos conceitos e preceitos de outras disciplinas, fundamenta sua visão quanto a figurativização e a tematização, considerando-as como a concretização de um sentido. Segundo Baquião (2010, p. 33):

> O corpo percebe o vínculo entre a figura e o elemento do mundo também percebe a oposição entre a representação figurativa e o elemento natural, essas relações são sensoriais e não remetem ao referente do mundo natural. O sentido é instaurado nessa relação intermediária entre mundo natural e corpo que o percebe. [...] A figuratividade instaura um rompimento entre os elementos do mundo natural e suas representações.

Logo, podemos afirmar que o estabelecimento de uma figurativização emergiria da diferença entre o tema retratado e uma

1 Nome próprio, nome do personagem principal, tido como o "Senhor do Sonhar" (do reino dos Sonhos).

possível interpretação do mesmo no campo do real, ao qual Baquião (2010) conceitua como mundo natural. A figurativização dos temas propostos na série Sandman apresenta a função de concretizar determinados sentidos, tornando-os parte do mundo natural e, de certa forma, nos levando a confrontar tais conceitos. Além dos perpétuos, a *graphic novel* traz outras figurativizações como os pesadelos e sonhos que habitam o reino do Sonhar. Dentro desse mar de ambiciosas materializações, destaca-se a figurativização da Morte. Sabemos que a mídia, tradicionalmente, representa a temática como uma criatura desagradável e obscura. Em Sandman, contrariamente à visão tradicionalmente disfórica da morte, a mesma é retratada como uma figura doce, atraente e gentil com aqueles que toca.

Sob esse viés, a materialização da morte em Sandman se difere do que é comumente reproduzido na cultura pop, rompendo com o imaginário coletivo e com a maneira como nós, enquanto sociedade ocidental, concebemos tal figura. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar da perspectiva da semiótica francesa greimasiana, dentro do caminho traçado pelo percurso gerativo do sentido, e mais especificamente no campo da figurativização ocorrida no nível narrativo, os efeitos de sentido causados pela materialização da Morte na HQ de Sandman, e como objetivos específicos, busca-se a aprofundação nas sensibilidades e nuances sociais das quais essa materialização surge, assim como o impacto da mesma na cultura pop, pelo alcance da obra e pelo caráter da materialização. Um levantamento bibliográfico prévio revelou que não há nenhum estudo da Morte da perspectiva greimasiana, a partir da conceituação de temas e figuras, o que estabelece a legitimidade do presente estudo.

Vale ressaltar, que como havia sido pontuado, a figurativização surge da necessidade de trazer para o dito "mundo natural", aproximando esses conceitos daquilo que é possível conceber. A

morte, apesar de estar presente na história e ser parte do ciclo de vida de todos os seres vivos, ainda é um tema considerado polêmico para a humanidade. Assim, buscamos compreender como a representação de Neil Gaiman é ambiciosa nesse sentido e como a sua ideia de Morte, rompe com as barreiras do consciente coletivo.

A MORTE EM SI

Como já foi mencionado, esse trabalho visa analisar sobretudo a figura da Morte (imagem 01) trazida na obra clássica de Neil Gaiman, a *graphic novel* Sandman. Buscamos analisar essa figurativização e quais são os sentidos transmitidos por ela e seu impacto na cultura e no imaginário social a partir da semiótica greimasiana.

Figura 01 - Morte

Fonte: Pinterest

Cabe ressaltar que o presente trabalho se detém no estudo da figura, mas como o aparato teórico utilizado se encontra contido no nível narrativo, a análise partirá desse patamar. Distingue-se, inicialmente, os conceitos de narratividade e narração, sendo a narratividade uma transformação entre dois estados sucessivos e diferentes, e a narração a classe do discurso no qual essas transformações ocorrem.

Dessa forma, dentro do que a sintaxe narrativa nomeia de enunciados de estado, há dois tipos de enunciado, que representam a relação de conjunção e disjunção entre um sujeito e seu objeto de valor, e desses dois enunciados surge o que Fiorin (2000, p. 28) conceitua como narrativas mínimas: a privação e a liquidação de uma privação. Entretanto, a organização de uma história é como a junção de diversas narrativas mínimas em estado de transformações organizadas hierarquicamente e divididas em quatro fases: manipulação, competência, a performance e a sanção. Dentre as quatro fases, a que mais nos interessa seria a transformação ocorrida na fase da *performance*, momento no qual o sujeito sai do estado de conjunção para o de disjunção e vice-versa. Logo, se o objeto de desejo do sujeito for a vida, ele pode estar em conjunção ou em disjunção com o objeto, a disjunção nesse caso seria a morte, o que entendesse como não-vida, ou o contrário de vida (apresentado no nível fundamental).

No que concerne a *performance*, é das transformações ocorridas no nível narrativo que nasce a figurativização na construção de uma história, a ideia de concretizar os objetos de desejo ou elementos presentes na história, personaliza esses elementos e os torna também, sujeitos. O que acontece com a figurativização em Sandman, a morte, comumente conhecida como um fator que permeia a existência humana, é personalizada e transforma-se da categoria de objeto a sujeito. Logo, a concretização do nível narrativo transforma o discurso em um discurso figurativo, fazendo uma relação de *continuum* entre o abstrato e o concreto, tornando os temas (abstrato) em figuras (concreto). Essas informações são esclarecidas no contato com o objeto e ao adentrar no percurso figurativo, conceituado por Fiorin (2000, p. 97):

> O que interessa, pois, na análise textual é esse encadeamento de figuras, esse tecido figurativo. Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a

> trama que constituem esse encadeamento de figuras, a essa rede relacional reserva-se o nome de percurso figurativo. [...] Para que um conjunto de figuras ganhe um sentido, precisa ser a concretização de um tema, que, por sua vez, é o revestimento de enunciados narrativos.

Dessa perspectiva, a concretização do tema morte carrega o revestimento dos enunciados narrativos aplicados a ela pelo imaginário coletivo oriundo das representações midiáticas e do sentimentalismo aplicado à temática. Nossa análise não visa englobar o encadeamento das figuras na narrativa, mas sim o sentido causado por uma figura específica que surge dessas transformações. Dentro da perspectiva exposta por Fiorin no trecho supracitado, a ligação que fazemos de uma figura com o tema que ela traz depreende-se de um "revestimento de enunciados narrativos" já produzidos e uma coerência interna, assim não pode aparecer a figura de um nascimento, num percurso que figurativiza o momento da morte:

> Em princípio, a quebra da coerência figurativa produz uma inverossimilhança no texto. No entanto, podem-se superpor dois percursos figurativos distintos, como quebra de coerência, para criar determinados efeitos e sentido (FIORIN, 2000, p. 99).

Observa-se que na figura 02, é instaurado um processo de inverossimilhança entre o conceito figurativizado e seu tema. Buscamos então, compreender com qual finalidade essa temática vem a ser figurativizada dessa forma e os sentidos que se depreende dela.

Figura 02 - Morte

Fonte: Pinterest

Nota-se que a representação da morte na HQ traz uma ideia de atratividade que diverge da perspectiva mais comum, que vê a morte como algo disfórico, a relação criada então, no nível narrativo, de forma figurada, relaciona se com **vida** *vs* **morte**, mas evolui para a idéia de **atração** *vs* **repulsa.** A atratividade se dá pela figurativização da morte como uma mulher jovem e bem apessoada que se encaixa no padrão de beleza global, destaca-se também o visual punk da personagem e alguns simbolismos presentes no mesmo.

1) A personagem Morte usa em seu pescoço uma corrente com o símbolo ankh, também conhecido como cruz ansata, uma representação dos antigos egípcios para a vida após a morte e a imortalidade, como podemos ver nas figuras 03 e 04. O símbolo é considerado o "amuleto" da personagem.

Figura 04a- Morte

Fonte: Pinterest

Figura 04b- Morte

Fonte: Pinterest

2) Outro fator representativo é o uso das cores, seguindo o padrão dos perpétuos, a pele da Morte é branca e suas roupas são predominantes pretas.O preto representa na cultura ocidental o luto , a solidão e o isolamento e dentro da narrativa a personagem Morte e o Sonho sempre estão usando a cor, o que também os diferencia dos outros perpétuos e representa a intimidade e a relação afetiva dos irmãos, assim como o claro isolamento dos dois em seus respectivos mundos. (Figura 05)

Figura 05: Morte e Sandman

Fonte: Pinterest

No que concerne às características psicológicas da personagem, ela se apresenta como uma criatura gentil, solidária e compreensiva, além de atuar como figura de apoio para o personagem principal é apresentar um gênio enigmático e atraente para aqueles que a encontram.

Ademais, no nível discursivo, no qual as situações de disjunção e conjunção são revestidas de elementos que lhe dão concretude, podemos incluir na figurativização que a relação entre os irmãos ocorre na ideia de concretizá-los, tornando ambos mais humanos ao apresentar uma relação familiar. Dessa forma, a personagem morte promove dois percursos figurativos em oposição, já que que seu tema é tido como algo disfórico e aversivo, enquanto sua personalização torna- se convidativa e marcada como um objeto de desejo, o que contraria o imaginário coletivo no que concerne ao significado de morte.

CONCLUSÃO

A partir da análise da personagem Morte na *graphic novel* Sandman, considerada uma das maiores HQ´s da história, constata-se que a figurativização da morte em Sandman, o que se aplica às demais figurativização da série, depreende-se da necessidade de concretizar um determinado conceito a fim de personalizá-lo e torná-lo um agente dentro da narrativa. Ao adentrar a semiótica greimasiana,

nota-se que os níveis estabelecidos são aplicáveis a diferentes tipos de texto e análise da materialização de conceitos se encaixa mais especificamente no percurso figurativo ou temático, no nosso caso, diz respeito a figurativização de um tema, um nível mais profundo dentro da semântica do discurso.

Portanto, conclui-se que os sentidos depreendidos da Morte seriam ligados a ideia da morte em conjunto com fatores positivos e com a quebra do imaginário disfórico de tal elemento. Dentro das onze edições de Sandman, a morte se mostra companheira, amiga e gentil, conversando com os humanos sobre o único momento de sua existência que é tão significativo quanto o nascer: o morrer.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). *Introdução à Linguística II:* princípios de análise. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2019.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

BAQUIÃO, Rubens César. *Sonhos e Mitos:* Leitura Semiótica de Sandman. 1° ed. São Paulo, 2010.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da Enunciação*: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2016.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 1ª impressão. - São Paulo: Contexto, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

CAPÍTULO 5

ANÁLISE SEMIÓTICA DO NÍVEL DISCURSIVEL DE "THE LAST NIGHT ON DARILLIUM"

Jaisson Ilizandro Negromonte Parreira

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral compreender e descrever, por meio da semiótica francesa, a construção do sentido de uma cena da série televisiva *Doctor Who*. Esse *corpus* foi escolhido diante da pouca quantidade de trabalhos na área realizados em torno da série em questão, havendo poucas análises de modo que, dentre as que encontramos, podemos citar uma fundamentada na semiótica barthesiana, a qual analisou o figurino dos personagens (LOPES, 2015) e outra que trabalhou a tradução intersemiótica (SOUZA; BEZERRA, 2017).

Buscamos então, por meio do percurso gerativo do sentido (FIORIN, 2008), abordar como a fotografia, a trilha sonora e os diálogos que há entre os personagens constroem o sentido que o texto audiovisual passa ao enunciatário, no caso espectador. Para isso, frisamos, dentre os três patamares apresentados pelo percurso gerativo, o nível discursivo. Ressaltamos também que para um pleno entendimento da análise realizada, é necessário discorrermos sobre alguns aspectos importantes relacionados à natureza dos personagens em questão.

Tendo seu primeiro episódio lançado em 1963, *Doctor Who* trata-se de uma série cujo protagonista, chamado apenas pelo seu pseudônimo, "Doutor", pertence a uma espécie humanóide tecnologicamente avançada, os "Senhores do Tempo", ao ponto de dominar a viagem no tempo e espaço, sendo capazes de visitar qualquer lugar em qualquer momento da história do universo.

Um detalhe que deve ser evidenciado é a natureza imortal do Senhores do Tempo, de modo que os seres dessa espécie possuem a capacidade de se regenerarem caso sofram um dano que para qualquer outro seria mortal. Essa imortalidade é entendida pelo Doutor como

um mal que o persegue eternamente, esse julgamento por parte dele acarreta questões filosóficas que são apresentadas em diversos episódios, inclusive no *corpus* deste trabalho.

O objeto de estudo a ser abordado se trata de um trecho (minuto 51:18 ao 55:35) do último episódio da nona temporada da série exibido em 25 de dezembro de 2015, intitulado "The Husbands of River Song", no qual é apresentado um diálogo entre o Doutor e sua esposa, River, quando estão em um restaurante em um planeta chamado Darilium.

É válido dizer, além da natureza imortal, que River Song é da mesma espécie que Doutor, ademais, tão importante quanto, ela possui um diário no qual está descrito, paradoxalmente, os dias de sua vida, até aqueles que ainda não aconteceram. Um deles é a última vez que ela se encontrará com o Doutor, e tais histórias dizem que esse momento será nas Torres Cantantes de Darilium, local onde se passa o citado trecho.

APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A metodologia a ser utilizada para a análise do *corpus* será fundamentada na semiótica francesa, conhecida também como semiótica discursiva, ciência que estuda a produção de sentido do texto não limitando-se a textos escritos, mas entendendo este como uma unidade dotada de sentido. Diante de tal definição, a semiótica busca entender *o que* e *como* o texto faz para dizer o que diz (BARROS, 2005).

Essa metodologia, a qual se preza a abordar apenas o *plano do conteúdo* do texto (*o que* ele diz), e não ao *plano da expressão* (*como* ele diz), se baseia em um esquema estruturado em três diferentes níveis que abordam a construção e interpretação do sentido, o percurso gerativo

do sentido (FIORIN, 2008), sendo esses o nível fundamental, narrativo e discursivo. Antes de iniciarmos a explicação do primeiro nível, vale ressaltar que todos eles possuem seus componentes sintáticos e semânticos.

O primeiro tipo se refere à estrutura do nível em questão, em outras palavras, como os valores se relacionam entre si. Já o componente semântico é responsável por revestir o componente sintático com termos ligados à narrativa.

O primeiro nível, sendo o mais simples e abstrato, pode se mostrar na relação entre valores presentes na narrativa como /morte/ *versus* /vida/ ou /natureza/ *versus* /cultura/. Tais exemplos restringem-se à categoria semântica do nível fundamental, uma vez que eles estão descrevendo os valores em si, diferentemente da categoria sintática. Essa por sua vez traz a estrutura sobre a qual a semântica do nível fundamental se constrói. No caso, a sintaxe fundamental permite que o texto tenha a "qualificação semântica", sendo esta a relação /euforia/ *versus* /disforia/.

No exemplo /morte/ *versus* /vida/, a narrativa determina qual desses valores será tido como eufórico ou disfórico, ou seja, qual será entendido como positivo e negativo, respectivamente. A sintaxe fundamental trabalha a transitoriedade de um valor a outro, de modo que o actante pode estar em conjunção com o valor /vida/, porém, devido a transformações narrativas, ele passa a estar em disjunção com ele, e em conjunção com o valor /morte/. Essa estrutura pode ser descrita como: afirmação de *a* > negação de *a* > afirmação de *b* utilizando a relação /vida/ *versus* /morte/ temos:

Vida > Não Vida > Morte

Já sobre o nível intermediário, o narrativo, ele abarca a relação entre os actantes e o objeto valor de modo a descrever as transformações

que ocorrem na narrativa, para isso, o percurso gerativo propõe uma sequência de eventos responsáveis por tais transformações, sendo eles, respectivamente, a manipulação, a competência, a performance, e por fim a sanção. Primeiro, é necessário esclarecer que o objeto valor deve ser entendido como um papel narrativo que ganhará uma "forma" no nível discursivo, tal como os sujeitos das ações, de modo que o objeto valor pode ser representado das mais diversas maneiras, não se limitando a objetos concretos.

Acerca da sintaxe narrativa, ressaltamos os tipos de enunciados, sendo esses o enunciado de estado e o enunciado de fazer. O enunciado de estado estabelece uma relação de junção do sujeito com o objeto valor, podendo estar em *conjunção* ou *disjunção* com ele. Assim, um sujeito qualquer pode estar em conjunção com o objeto valor /riqueza/ como em "Aurélia é rica", ou em disjunção como no exemplo "Seixas não é rico" (FIORIN, 2008).

Já o enunciado de fazer estabelece as transições de um estado a outro, como em "Seixas ficou rico", ocorre a passagem do estado de disjunção, no qual ele estava disjunto ao objeto valor /riqueza/ e passa a estar com conjunção com ele por meio do verbo "ficar".

Chegando ao nível discursivo, o mais superficial e concreto, temos que ele é responsável pela concretização dos elementos abstratos citados anteriormente. Dessa forma, é com ele que o enunciatário interage efetivamente ao deparar-se com um texto por meio de ferramentas tais como a temporalização, actorialização, espacialização, as quais estão relacionadas com a sintaxe discursiva; e a tematização e figurativização, que por sua vez se trata da semântica do nível discursivo.

A maneira pela a qual o tempo, espaço e os actantes são apresentados interfere diretamente nos traços que o enunciado terá,

a projeção desses três elementos no texto é chamada de debreagem, a qual pode ser *enunciativa* ou *enunciva*. A diferença entre esses dois tipos está principalmente no modo em que o *aqui* (espaço) e o *agora* (tempo) se organizam em torno do *eu* (actante).

Na debreagem enunciativa, o esquema pode ser estruturado como *eu-aqui-agora*, isso significa que o sujeito que enuncia se põe dentro do discurso causando um efeito de subjetividade e proximidade com o que está sendo dito. Nesse tipo de debreagem é presente o uso da primeira pessoa, responsável por acarretar tais efeitos no texto. Já na debreagem enunciva, ocorre o efeito contrário, o de objetividade e imparcialidade, por isso é comumente utilizada pelos veículos jornalísticos que tentam passar tais valores em suas reportagens. Sua estrutura pode ser descrita como *ele-alhures(em outro lugar)-então*.

Partindo para a semântica discursiva, a qual detém os tópicos da tematização e figurativização, ela se preza por revestir os esquemas narrativos abstratos de níveis anteriores, significando então que o exemplificado objeto valor /riqueza/ pode ser traduzido pelo nível discursivo das mais diversas maneiras, podendo tomar a forma de uma mansão, um carro esportivo, ou uma barra de ouro. Já a transformação narrativa do estado de disjunção para conjunção com /riqueza/ pode ser revestido pelo fato de ganhar na loteria ou uma boa aplicação na bolsa de valores.

A tematização se caracteriza pela apresentação dos valores abstratos em forma de *temas*, os quais se organizam em percursos estruturados sob a recorrência de traços semânticos (BARROS, 2005). Dessa forma, é instaurada uma coerência semântica, uma relação de vínculo semântico entre os signos, responsável por formular um tema em torno daquilo que é apresentado pelo texto. Tomando por base o exemplo anterior, os bens particulares de alto valor como mansão,

carro esportivo e ouro estão sujeitos a uma coerência semântica que estabelece o tema riqueza, o qual é sujeito ao processo de figurativização.

Por sua vez, a figurativização trata do revestimento semântico dos valores já citados, permitindo então que o enunciatário interaja com uma *figura*. Enquanto a tematização abarca a coerência entre os signos para determinar o tema abordado, o processo de figurativização permite que o programa narrativo seja mostrado de *n* maneiras distintas (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979]). Portanto, a conjunção do sujeito com o objeto valor /riqueza/ é passível de ser figurativizado tanto pelo fato do sujeito possuir uma mansão, ou de usar roupas pomposas, ou de ter um grande valor na conta bancária, sendo todas essas diferentes figuras, porém todas trabalhando em torno do mesmo tema.

Diante da exposição do percurso gerativo do sentido, concluímos que para descrever a construção do sentido do *corpus* será feito então o uso do nível discursivo, pois as ferramentas utilizadas pelo audiovisual, as quais pretendemos aprofundar nesse trabalho, são apresentadas no nível mais superficial.

ANÁLISE

Como o objeto a ser analisado se trata de um texto audiovisual, é importante termos claro que seu sentido é construído por diferentes elementos que se relacionam, tal como a fotografia, a trilha sonora que acompanha esse tipo de texto, o diálogo entre os personagens e a narração, que pode ou não ocorrer. Tendo em vista esse conjunto constituído por esses quatro elementos, determinamos essencial a abordagem de ambos para entender e descrever satisfatoriamente o sentido do objeto de estudo.

Porém, é necessário frisar que o método do percurso gerativo aborda exclusivamente o plano do conteúdo do texto (*o que* o texto diz), portanto nos limitaremos a tal análise. O primeiro instante a ser analisado são os primeiros segundos que se seguem a partir do minuto 51:18. Para isso recortamos a cena e o diálogo em questão, os quais estão dispostos logo a seguir.

Imagem 1 - Recorte do minuto 51:18 do episódio em análise

Fonte: BBC

[Trilha sonora etérea acompanha a cena]

[51:19] — Escuta só… está chorando? — River pergunta.

[51:27] — Não, é só o vento. — Doutor responde.

[51:30] — Nunca é apenas o vento.

Preliminarmente, prezando pela sintaxe discursiva e baseando-se no breve diálogo dessa cena, podemos determinar suas três instâncias estipuladas pelo percurso gerativo. A actorialização em primeira pessoa, uma vez que tal diálogo se faz pelo *eu* falando ao *tu*; a temporalização do *agora* tendo em vista o tempo verbal, presente, do verbo ser, tanto em "está" e "é"; e a espacialização que, analisando a fotografia, temos que se trata do *aqui*, pois ambos os actantes estão próximos um do outro.

Diante disso, afirmamos que o tipo de debreagem presente nessa cena é a enunciativa, uma vez que atende pela estrutura *eu-aqui-agora*, além de ser utilizada como uma ferramenta para aproximar o enunciatário, ou espectador, do diálogo íntimo entre os personagens, já que ela é capaz de causar o efeito de subjetividade no sentido do texto.

Nestes segundos, Doutor e River Song estão diante de um cenário composto pelas Torres Cantantes à luz de um pôr-do-sol, posteriormente, o Doutor diz o quão resistentes os grandes monólitos são por terem passado por "tempestades, enchentes, guerras e o tempo", se referindo dessa forma à sua resistência e perenidade, características que podem ser associadas ao relacionamento dos personagens.

Os dois passam alguns momentos em silêncio apenas observando o horizonte romantizado pelo pôr-do-sol acompanhados por uma trilha sonora que enaltece a contemplação do cenário. Diante de tais considerações, podemos determinar os temas presentes nessa cena e como eles são figurativizados, ou seja, concretizados por ferramentas utilizadas por textos do tipo audiovisual:

Tabela 1 - Temas e figuras da primeira cena do *corpus*

Tema	**Figura**
Relacionamento perene	Monólitos
Contemplação	Trilha sonora

Fonte: BBC

[52:35] — [...] Porque eu quero que saiba que se for a última noite, eu espero que dê um jeito nisso, porque…

[52:38] — Não pode ser evitado. Não para sempre.

[Trilha sonora com notas gradativamente mais graves]

[52:45] — Mas você é você. E existe sempre um jeito. Espere até o último minuto e então joga na minha cara…

[52:51] — Toda noite é a última noite de algo. Todo Natal é o último Natal.

[52:54] — Dê um jeito. Vai esperar até eu não ter mais esperanças, até tudo estar perdido, e então dará aquele sorriso e solucionará tudo, sempre foi assim.

[53:02] — Não posso, nem sempre. O tempo acaba, River, porque é preciso. Porque não existe felizes para sempre. É uma mentira que contamos a nós mesmos porque a verdade machuca.

[53:16] — Não, Doutor. Está enganado. Felizes para sempre não quer dizer eternamente, significa apenas tempo. Pouco tempo, mas isso não é algo que entenda, não é mesmo?

A priori é possível notar que a estrutura da sintaxe discursiva *eu-aqui-agora* se mantém tendo em vista a pessoa utilizada no discurso, tal como o tempo verbal e o lugar no qual eles estão com o mesmo objetivo, o de trazer intimidade e subjetividade ao discurso, porém essa estrutura sofrerá mudanças na próxima cena em decorrência do efeito que o texto deseja passar.

É interessante notar o contraste que há entre as diferentes maneiras de cada um dos personagens em lidar com a situação, o qual se faz presente por meio do diálogo. Percebemos que a River se demonstra mais sentimental e até esperançosa diante do problema, enquanto o Doutor se vê cético ao analisá-lo. Diante disso, temos que os dois temas presentes nessa cena são justamente a esperança e o ceticismo, junto com a quebra de expectativa por parte da River ao descobrir que o Doutor não conseguiria resolver a situação.

Tabela 2 - Temas e figuras da segunda cena do *corpus*

Tema	**Figura**
Esperança	"— Dê um jeito. Vai esperar até eu não ter mais esperanças, até tudo estar perdido, e então dará aquele sorriso e solucionará tudo, sempre foi assim."
Ceticismo	"— Não pode ser evitado. Não para sempre." "— Não posso, nem sempre. O tempo acaba, River, porque é preciso. Porque não existe felizes para sempre. É uma mentira que contamos a nós mesmos porque a verdade machuca."
Quebra de expectativa	Trilha sonora com notas gradativamente mais graves

Fonte: autoria própria

Partindo então para a terceira e última cena a ser analisada, a qual se inicia no minuto 54:00 e termina no 55:35. Temos o Doutor mudando a pauta do diálogo ao começar a explicar a história dos monólitos e seu misticismo por trás da música que se faz presente com a passagem do vento entre eles, fato que os nomeou como "As Torres Cantantes".

Imagem 3 - Recorte do minuto 55:21 do episódio em análise

Fonte: BBC

[54:00] — Estão ali há milhares de anos, enfrentaram tempestades, enchentes, guerras… e o tempo. Ninguém entende de onde vem a música, provavelmente tem a ver com a posição precisa, a distância entre as duas torres. Nem os nativos têm certeza. Tudo o que vão dizer é que "quando o vento é suave e a noite perfeita, quando menos esperamos, mas sempre quando mais precisamos… surge uma música". — O Doutor explica.

[Trilha sonora se eleva]

[54:48] — Então, supondo que tenhamos apenas essa noite… [54:54] — Não disse isso.

[54:55] — [...] quanto tempo dura uma noite em Darilium? — River pergunta.

[55:03] — Vinte e quatro anos. — Ele responde.

[Trilha sonora se eleva novamente, desta vez caminhando para a finalização] [55:14] — Como eu te odeio. — River comenta.

[55:18] — Não, não odeia.

[55:26] E viveram felizes para sempre. E viveram felizes. Felizes (narrador)

Na primeira fala do Doutor é possível perceber a mudança do tipo de discurso utilizado por ele, o qual agora se tornou um discurso enuncivo, ao explicar o fenômeno da música, uma vez que ele utiliza da terceira pessoa para isso. Essa escolha pelo discurso enuncivo causa um distanciamento do que está sendo pronunciado enfatizando então a mudança de assunto do diálogo, antes em primeira pessoa, que ele estava tendo com River.

Diante desta terceira parte do *corpus* deste trabalho, o principal tópico que pretendemos discutir agora é como a *isotopia* é trabalhada de modo a atuar sendo a responsável por transmitir ao enunciatário o sentido que foi sendo construído durante todo o trecho.

Para discorrermos sobre esse assunto, é preciso antes explicarmos o que então seria a isotopia. Esse conceito é descrito como "a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso" (BARROS, 2005), desse modo, podemos determinar tanto uma isotopia temática ou figurativa. Baseando-se nas linhas dos diálogos em análise, podemos traçar uma isotopia de ceticismo por parte do personagem Doutor, a qual pode ser percebida nas figuras "*não pode ser evitado; toda noite é a última noite; não existe felizes para sempre; o tempo acaba*". Da mesma forma, a persistência de River estrutura uma isotopia de esperança como pode ser percebido pelas figuras "*eu espero que dê um jeito; existe sempre um jeito; dê um jeito [...] solucionará tudo, sempre foi assim*".

Tal como demonstrado anteriormente na análise da segunda cena, o Doutor se mostrou absolutamente cético ao se tratar de encontrar uma solução para o problema, o que estrutura a isotopia do ceticismo, porém, o que deve ser ressaltado é a *quebra* dessa isotopia. Essa quebra permite ao enunciatário uma leitura completamente diferente da que foi apresentada a ele pelo texto.

O momento que ocorre tal fenômeno acontece no minuto 55:03 na linha do Doutor, na qual ele diz "*vinte e quatro anos*" após River perguntar quanto tempo duraria seu último momento com ele, pois ele levou ela (e o enunciatário) a pensar que a última vez que eles se veriam duraria apenas aquela noite (o que intuitivamente significaria apenas algumas horas), porém ela (tal qual o enunciatário) não cogitou, durante a conversa, quanto tempo de fato duraria essa noite, muito menos essa informação foi dada pelo Doutor durante os diálogos.

É interessante notar como o papel de River representa o enunciatário no que tange ao saber das informações, uma vez que ambos estão sujeitos àquelas apresentadas pelo Doutor apenas.

A quebra também é figurativizada pela trilha sonora que se eleva construindo um aspecto de felicidade e alívio, além do sorriso de ambos os personagens, tal como previsto por River em "*[...] até tudo estar perdido, e então dará aquele sorriso e solucionará tudo*". Temos então que, diante dessa nova informação apresentada apenas no final do episódio, o enunciatário consegue ter uma interpretação completamente diferente em uma segunda vez que ele se deparar com o mesmo texto.

Para finalizar a nossa análise, contemplaremos os temas e figuras presentes nessa última cena, dando enfoque também à breve narração realizada pelo narrador no final do episódio.

Tabela 3 - Temas e figuras da terceira cena do *corpus*

Tema	**Figura**
Imortalidade	— Não, Doutor. Está enganado. Felizes para sempre não quer dizer eternamente, significa apenas tempo. Pouco tempo, mas isso não é algo que entenda, não é mesmo?
Efemeridade	E viveram felizes para sempre. E viveram felizes. Felizes (narrador)
Amor	— Como eu te odeio. — Diz River. — Não, não odeia. — Doutor contrapõe

Fonte: autoria própria

O tema imortalidade é retratado sutilmente pela fala da River ao dizer "*[...] Pouco tempo, mas isso não é algo que entenda, não é mesmo?*", uma vez que, como o Doutor é incapaz de morrer, a frase "felizes para sempre" implicaria então uma felicidade eterna até o fim dos tempos, algo julgado por ele como uma mentira. Porém, como a frase é dita comumente por pessoas normais (mortais) ela implica então uma felicidade até o fim da vida do indivíduo, o que, na visão deste, seria a eternidade.

No diálogo destacado, River explica essa diferença e provoca o Doutor ao dizer que ele não entenderia o que seria ser "feliz para sempre", já que sua imortalidade o impossibilita de enxergar o "sempre" apenas como uma parcela de tempo da sua vida, e não como uma literal eternidade. Entretanto, River, mesmo possuindo a mesma natureza do Doutor, consegue chegar nessa conclusão.

A efemeridade torna-se mais clara com a narração do narrador nos últimos instantes do episódio, nos quais surge em cena a frase "*E viveram felizes para sempre*" seguida da leitura do narrador. Após isso, as palavras "*para sempre*" desaparecem, e em uma segunda

alteração as palavras "*e viveram*" também desaparecem, restando apenas a palavra "*felizes*" em cena. A cada elipse, a escala de tempo sobre a qual a "felicidade" estaria disposta diminui, de modo que na primeira frase ela percorre a eternidade; na segunda ela se restringe apenas à vida; e na última, a felicidade é entendida como algo tão momentâneo, de modo que não há nenhuma marca de tempo, mas apenas a manifestação "*felizes*".

Por fim, o tema amor é figurativizado de maneira não usual em foco na linha "*Como eu te odeio*" em oposição ao comum "eu te amo". O enunciatário poderia aguardar a típica frase como finalização do episódio, porém, essa substituição de termos acontece justamente pela quebra da isotopia explicada anteriormente, o que evoca em River um misto de raiva, por ter sido manipulada, com felicidade e surpresa, pela resposta final do Doutor. A partir de toda a situação e da última frase dita pelo personagem "*Não, não odeia*", interpretamos o significado da afirmação de River justamente oposto àquele que a palavra ódio normalmente significa.

CONCLUSÃO

À luz de todo o desenvolvimento deste artigo, podemos concluir que a semiótica discursiva, a partir do percurso gerativo do sentido, é uma ferramenta capaz de colaborar para a interpretação do sentido construído no texto. Dessa forma, abordamos então o sentido do texto escrito, visual e até mesmo do texto enquanto música, apresentados como as linhas do diálogo e da narração, o cenário e a trilha sonora, respectivamente.

Priorizando o nível discursivo, determinamos e justificamos os temas e figuras presentes no decorrer do trecho selecionado, ademais,

explicamos como a quebra da isotopia presente na última cena em análise se torna essencial para a interpretação de toda a cena.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** 15. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 2008 [1979].

LOPES, Victória Moreira da Silva. **Doctor Who: Uma análise semiótica barthesiana dos figurinos**, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/congressos-cientificos/index.php/CM2015/ITEI/paper/view/7788 > Acesso em: 26 out. 2022.

SOUZA, Adelmo Ferreira de; BEZERRA, João Alfredo Ramos. **Da TV ao livro: uma viagem pelo universo semiótico de Doctor Who**. 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD4_SA72_ID1170_11092017102746.pdf> Acesso em: 26 out. 2022.

THE Husbands of River Song (Temporada 9, ep. 13). Doctor Who. Direção: Douglas Mackinnon. Produção: Nikki Wilson. Reino Unido: BBC Studios, 2015. (55 min.), son., color.

CAPÍTULO 6

CORPO, PLASTICIDADE E TEMATIZAÇÃO INDÍGENA EM FOTOGRAFIAS DE SEBASTIÃO SALGADO

Eliel de Oliveira Dias

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas não sabem a importância da fotografia, ela não é apenas um registro, é muito mais, ela conta histórias, cria momentos de emoção e os eterniza de maneiras tão únicas. É necessário muito estudo e sensibilidade para conseguir enxergar a beleza nos pequenos detalhes da fotografia. A fotografia é um aspecto muito importante de nossas vidas e com uma grande responsabilidade, retratando momentos que marcam as nossas vidas e vidas de outras pessoas, ele retrata e guarda ocasiões muito marcantes indo muito além de apenas guardar recordações.

A fotografia não pode ser vista como algo simples, e sim como algo incrível e complexo que irá transformar nossas vidas, nos dando provas de como éramos e ainda somos, nas famílias elas são consideradas herança familiar que passa de geração a geração. Com essas recordações eternizadas em uma foto podemos reproduzir em nossa mente aquela memória que está guardada na fotografia, que de acordo com o site *claudio tebaldi,*[1] *"A fotografia nos permite olhar para trás e reviver tudo aquilo de novo".*

De muitas maneiras a fotografia pode ser usada também para aumentar a autoestima das pessoas, mas dessa vez do ponto de vista do fotógrafo de como aquelas pessoas é linda e incrível, o fotografo é extremamente importante nessa parte pois é ele que irá montar um ensaio, com todas as características mais marcantes daquela pessoa para que ela redescubra a beleza que estava escondida.

Ao vermos um fotógrafo registrando um momento não nos perguntamos o porquê dele estar tirando fotos e o porque ela é importante para mudar a vida de algumas pessoas. Usada de diversas

1 Disponível em.< https://www.claudiotebaldi.com.br/blog/qual-a-import%C3%A2ncia-da-fotografia-na-vida-daspessoas#:~:text=Ela%20retrata%20momentos%2C%20ocasi%C3%B5es%20especiais,ser%20memorizados%2C%20guardados%20e%20relembrados >. Acesso em 20/10/2022.

maneiras a fotografia é um registro para capturar um momento tão importante, a memória fixando aquele momento que já vivemos e recordar, a emoção ao vermos aquela foto e reproduzir os mesmos sentimentos que estávamos sentindo e o estímulo pra lembrarmos de algo, pois nosso cérebro necessita de um estímulo para lembrar e a foto ajuda nesse aspecto.

A partir das escolhas composicionais o fotógrafo consegue trazer outros elementos que vão muito além do que está sendo fotografado no momento, assim de forma mais simples o fotógrafo não apenas aperta um botão para fazer uma foto, ele desenvolve uma narrativa para criar uma foto, partindo desse ponto enfim dizemos que a fotografia é então um texto, narra, conta algo, e assim sendo passível de análise assim como no texto escrito, principalmente quando pensamos em um ponto de vista e nos métodos de interpretação da semiótica. No site *Fotografia DG* [2], é citado o livro "*Como ler uma fotografia*", do autor Richard Salkeld que fala: "[...] o próprio aparato da fotografia se oferece como uma metáfora das formas de ver – a câmera oferece um "ponto de vista".

Partindo do ponto de vista de Salkeld sobre a semiótica, diz que tudo pode ser interpretado como um texto inclusive a fotográfica, já que possui uma narrativa própria e se possui uma narrativa própria por que não dizer que possui uma gramática própria também, gramática graças às composições na fotografia que afeta o resultado final, sendo na composição que podemos notar também um conjunto de signos, a fotografia possui duas vertentes primeiro ela estabelece uma relação com a cena fotografada com a indicação que foi necessária a luz para entrar através do sensor respondendo as regulações e obter a imagem desejada, assim simplificando foi necessário algo técnico para conseguir a imagem e em segundo o instante fotografado pode

2 Disponível em < https://www.fotografia-dg.com/a-fotografia-a-partir-do-olhar-da-semiotica/ >. Acesso em 20/10/2022

indicar uma ação que irá acontecer, como o amanhecer e em casos mais específicos fotografia de guerra mostrando uma pessoa, uma escola ou casa que foi destruída. Também a fotografia pode conter uma forma de elementos arbitrários quando combinada com palavras, seja através de uma montagem ou legenda, a imagem e a escrita sempre serão consideradas dois significantes distintos, sem realmente uma ligação concreta a não ser que seja feita por alguém para determinar um projeto fotográfico ou uma fotografia específica.

Com isso em mente podemos pensar em dois pontos que encaminham na análise semiótica da imagem, sendo o que a manifesta e o que ela indica, o sentido da manifestação pode ser considerado o primeiro estágio da leitura da fotografia sendo o significado literal ou seja o que está evidente, já no sentido de indicação é como a fotografia está ligada às ideias que a própria foto sugere, é possível ver através da indicação a manipulação da imagem através de recursos como Photoshop que permite alterar uma cena; escolhendo poses do objeto fotografado, a estética e até mesmo diagramação das fotos em álbum ou editorial.

Dessa maneira, nosso trabalho se realiza com caráter qualitativo-interpretativista, e possui como objetivo geral analisar, por meio do aparato teórico-metodológico da Semiótica Discursiva, algumas fotografias do fotógrafo Sebastião Salgado, mais especificamente, as com temáticas indígenas presentes na obra *Amazônia* do artista. Além disso, é necessário afirmar que nosso trabalho se justifica pela relevância da obra e pela necessidade de se promover mais o conhecimento sob análise de textos visuais, sobretudo as fotografias, os quais emergem também a produção de sentido e a evidência estilística de que fotografa também.

A SEMIÓTICA DISCURISVA

A semiótica escolhida para analisar as fotos será a do nível discursivo encontrada no livro de José Luiz Fiorin chamado *Elementos de Análise de Discurso* em sua 14ª edição publicada em 2009, visto que as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude, ou seja, o nível discursivo se produz as variações de conteúdos narrativos invariantes.

Mas irei focar mais na semântica discursiva pois é visto que o nível narrativo tem esquemas abstratos como quando Fiorin diz que "um sujeito entra em conjunto com a riqueza, um sujeito opera uma disjunção entre alguém e a vida" (FIORIN, 2009, p. 88), o autor divide este capítulo em seis sub tópicos para melhor entender como funciona a semântica discursiva.

Na semântica discursiva como primeiro subtópico é definido que a tematização e figurativização são dois níveis de concretização do sentido, todos os textos tematizam o nível narrativo e depois o nível temático pode se tornar ou não figurativização. A oposição entre tema e figura envolve, em princípio, a oposição do abstrato e concreto. Fiorin diz que:

> A figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer, sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural. (FIORIN, 2009, p. 91)

Ou seja, quando se diz que a figura se remete ao mundo natural acaba não só pensando no mundo natural já existente, mas também no mundo natural ainda construído. O tema acaba sendo um investimento de natureza meramente conceptual, pois não remete ao mundo natural, temas de acordo com Fiorin são "[...] categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural:

elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc." (FIORIN, 2009, p. 91).

Há dois tipos de texto semântico nos esquemas narrativos sendo a primeira os figurativos que criam e representam de certa forma um efeito de realidade, pois constroem uma simulação da realidade, assim de certa forma representando o mundo e o segundo sendo os temáticos que procuram explicar a realidade, classificando e ordenando a realidade significante assim estabelecendo relações e dependências, os discursos figurativos tem uma função descritiva ou representativa, enquanto os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa, sendo sempre bom ressaltar que quando se fala de textos figurativos e temáticos, fala-se, respectivamente, em textos predominantes, e não exclusivamente figurativos e temáticos. O nível temático dá certo sentido ao figurativo e o nível narrativo ilumina o temático, podendo ser manifestado diretamente, sem cobertura figurativa, assim tendo os textos temáticos, mas não tem como ter um texto figurativo sem que haja um nível temático. Fiorin diz que:

> Um mesmo esquema narrativo pode ser tematizado de diferentes maneiras. A disjunção com a vida pode tematizar-se como morte natural, assassinato, morte acidental, etc. Por sua vez, o mesmo tema pode ser figurativização de diversos modos. Pode-se figurativizar o tema do exotismo com sol, palmeiras, mulatas desnudas, samba, praias, ou ainda com pinheiros, neve, esportes de inverno, casacos de pele (FIORIN, 2009, p. 94).

No segundo subtópico sobre percursos figurativos e percursos temáticos é comum que confundamos o que exatamente a figura quer representar, existe uma pluralidade de leitura, podendo chegar a ter interpretações fantasiosas que não tem a ver com o texto, então é necessário saber como analisar e como funcionam as figuras de um texto, para isso é preciso observar os lexemas, ou seja, as palavras que se acham no léxico de uma língua. É visto que cada lexema possui um núcleo significativo sendo suscetível a serem analisadas em detalhe, e

a partir desse núcleo vários sentidos podem desenvolver-se. Um texto pode ter mais de um percurso figurativo, mas os números dependem dos temas que se deseja manifestar. Os percursos figurativos devem manter uma coerência interna, em princípio, a quebra dessa coerência produz uma inverossimilhança no texto. Fiorin comenta que:

> No entanto, podem-se superar dois percursos figurativos distintos, com quebra de coerência, para criar determinados efeitos de sentido. Nesse caso, a ruptura do princípio da coerência figurativa é um projeto do narrador, visando a tematizar relações entre duas ou mais ordens de fenômenos distintos. (FIORIN, 2009, p. 99).

Existe um encadeamento de temas chamados de percurso temático, ocorrendo apenas em textos temáticos, sendo um conjunto de lexemas abstratos, que manifestam um tema mais geral, desta forma constituindo-se em um texto verbal um percurso temático, assim, da mesma forma que os percurso figurativos é necessário manter uma coerência interna, quando isso não ocorre, o texto fica contraditório. Em uma análise de um texto não é importante o tema ou a figura isolada, para achar o tema que dê sentido às figuras ou um tema geral que unifica os temas disseminados num discurso temático é preciso aprender os encadeamentos das figuras dos temas, ou seja, os percursos figurativos.

No terceiro subtópico sobre Configurações Discursivas muitas vezes é visto diferentes textos e notando que se tratam do mesmo tema, mas, no entanto, ao serem analisados de perto, é perceptível que cada um deles aborda esse tema de uma maneira distinta, os percursos temáticos que abordam esse tema genérico são diferentes assim fazendo com que os percursos figurativos que os revestem também. Esse tema amplo que aparece em vários discursos seja sobre o amor, a morte, a infância, a partida, o exílio, etc., não se constitui propriamente um tema, mas uma configuração discursiva. Uma configuração é um lexema do discurso que engloba várias transformações narrativas,

diversos percursos temáticos e diferentes percursos figurativos. Fiorin afirma que:

> Se, no interior de um único texto, é possível depreender percursos figurativos, temáticos e narrativos, a despreensão da configuração discursiva só é possível a partir do confronto de vários discursos. Cada discurso particular atualiza algumas variantes e não outras da configuração (FIORIN, 2009, p. 107).

A Isotopia em seu quarto subtópico é visto que os textos podem ser interpretados de diversas maneiras, assim significando que admite múltiplas interpretações possuindo indicadores de polissemia, assim nas várias leituras não se fazem mais a partir do árbitro do leitor, mas das virtualidades significativas que estão presentes no texto. O que dá coerência semântica em uma unidade de texto é a reiteração, a redundância, a repetição e a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso do texto, assim esse fenômeno recebe o nome de isotopia. Firon fala que "Em análise do discurso, isotopia é a recorrência de um dado traço semântico ao longo de um texto. Para o leitor, a isotopia oferece um plano de leitura, determina um modo de ler o texto" (FIORIN, 2009, p. 112-113).

Há várias isotopias em um texto assim deixando mais complexo seu entendimento, existe um conector de isotopias que possui mais de um significado, esse termo é o polissêmico que está presente no texto dando uma maior possibilidade de leitura, permitindo uma passagem de isotopia a outra. A isotopia é extremamente importante na análise do discurso, pois permite determinar os planos de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos que possuem pluralidade de significados e por último definir os mecanismos de construção de certos tipos de discurso.

No quinto subtópico sobre Metáfora e Metonímia é de acordo com a retórica clássica que esses dois termos são figuras de palavras, definido assim a metáfora como a substituição de uma palavra por

outra, quando a similaridade entre os termos de partida o substituto e o de chegada a substituinte, e a metonímia sendo a substituição de uma palavra por outra, quando há uma relação de contiguidade entre o termo substituto e o substituinte, mas essas definições não são exatamente corretas pois ambos são procedimentos de discurso de uma constituição de sentido, assim nelas o narrador rompe de forma calculada as regras de combinação de figuras, ou seja, ambos os termos não são uma substituição de uma palavra por outra, mas sim uma possibilidade criada pelo contexto de leitura de um termo.

A Metáfora e Metonímia podem ser consideradas conectores de isotopia, pois permite que uma isotopia passe de um a outro em um texto pluri-isotópico, assim um discurso ou parte dele passa a ser constituído de metáforas ou metonímias projetas, ou seja, acaba se tornando uma unidade retórica dentro de uma determinada isotopia, assim dessa forma ambos projetam relações que se estabelece entre significados de um mesmo termo pertencente a várias isotopias.

Em seu último subtópico sobre Modos de Combinação das Figuras e do Temas, é definido que o enunciador pode combinar figuras ou temas de um discurso de tal maneira que acaba chamando a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica, os principais métodos de procedimento de combinação de figuras ou temas são a antítese, o oxímoro e a prosopopeia.

A antítese é definida como a instauração de opções figurativas e temáticas num determinado texto, ou seja, uma figura de linguagem que consiste na exposição de ideias opostas, ocorrendo uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos.

A oxímoro é definido quando se une figuras ou temas contrários ou contraditórios em uma mesma unidade de sentido, que

consiste em relacionar num mesmo texto expressões ou locuções de palavras que exprimem conceitos contrários.

E por último a prosopopeia ou personificação é definida como a combinação de qualificações ou funções que podem possuir determinado traço semântico, com um elemento que apresenta um traço contrário ou contraditório assim produzindo diferentes unidades. Podendo também combinar qualificações ou funções que possuem traços animados não humanos com traços humanos, determinando uma animalização, ou seja, uma qualificação e função que tem traços inanimados com tração animal assim constituindo uma reificação.

ANÁLISE

Esse tema escolhido é do ensaio fotográfico do fotógrafo Sebastião Salgado intitulado "Amazônia", que tem como objetivo a divulgação dos povos nativos da região do Amazonas, dando mais visibilidade a esses povos para pessoas que não conhecem exatamente como elas são, assim dando mais consciência do poder e importância desses povos.

Figura 1 - Homem adulto indígena representado pela fotografia

Fonte: (Indígena Yawanawá, do Acre — Foto: Sebastião Salgado, 2016)

Neste primeiro recorte, o texto apresenta na superfície de sua constituição de seu sentido, mais próximo do discurso propriamente dito, a tematização indígena, figurativizada pelo cocar e pelo corpo pintado pelos elementos indígenas.

Nesta fotografia o tema indígena é figurativizado pelo corpo indígena, que neste caso, é um corpo de um homem adulto que, por sua vez, apresenta efeitos de sentidos específicos. A presença deste corpo masculino, por sua vez, é, também, um elemento que figurativiza por excelência a temática de masculinidade.

Este corpo, enquanto figura-mor, apresenta, em sua composição, variados elementos ou traços que fortificam o tema da masculinidade como, por exemplo, a largura dos lábios e do nariz, e o olhar e rosto robusto. As pinturas e o tipo do cocar presentes na composição da presença deste corpo, apresentam sentidos específicos de alguma etnia e hierarquia que está relacionado ao sujeito em exposição. A etnia aqui presente é Yawanawá, localizada no estado do Acre.

É possível ver um forte contraste entre os artefatos e as pinturas dele, dando mais poder para a imagem, dando mais destaque na valorização cultural de sua etnia, mostrando uma beleza tanto dele como a de seus artefatos.

E o jeito que ele olha pra câmera mostra o orgulho que sente, mostrando que ele existe e que sua cultura também.

Figura 2 - Mulher adulta representada pela fotografia

Fonte: (Indígena Yawanawá, do Acre — Foto: Sebastião Salgado, 2016)

Aqui este corpo é representado pela figura Indígena feminina com vários traços e elementos que fortalecem essas características, como um corpo mais feminino, onde se pode ver através de seus seios, lábios e um rosto muito mais delicado do que o masculino.

Nesta fotografia o tema indígena é figurativização pelo corpo indígena, que no caso desta fotografia é o corpo de uma mulher adulta, que por sua vez, apresenta efeitos de sentidos específicos.

Este corpo feminino, enquanto figura-mor, apresenta, através da sua composição, um conjunto de elementos ou traços que fortificam o corpo de uma mulher adulta. As pinturas e o tipo de cocar presentes nessa composição apresentam sentidos específicos de sua etnia e hierarquia relacionado ao sujeito em exposição. A etnia aqui presente é Yawanawá, localizada no estado do Acre.

É possível ver um forte contraste entre os artefatos e as pinturas dela, dando mais poder para a imagem, dando mais destaque

na valorização cultural de sua etnia, mostrando uma beleza tanto dela como a de seus artefatos.

E o jeito que ela olha pra câmera mostra o orgulho que sente, mostrando que ela existe e que sua cultura também. Principalmente na parte em que ela mostra os seios, como se dissesse que não liga para os padrões definidos pela sociedade sobre a mulher.

Figura 3 - Criança indígena representada pela fotografia

Fonte: (criança indígena Yawanawá, Acre — Foto: Sebastião Salgado, 2016)

Nesta fotografia o tema indígena é figurativizado pelo corpo indígena, que neste caso, é um corpo de uma criança que, por sua vez, apresenta efeitos de sentidos específicos. Aqui também a constituição de seu sentido é através da tematização indígena, figurativizada pelo cocar, pintura e ambientação em que está inserida.

Nesta fotografia o tema indígena é apresentado através do corpo de uma criança masculina, que por sua vez apresenta efeitos de sentidos específicos. A presença desse corpo, por sua vez, é também uma figurativizada por excelência do tema indígena.

Este corpo, enquanto figura-mor, apresenta em sua composição, vários elementos ou traços que fortificam o tema de criança masculina, como por exemplo, sua baixa altura, um rosto

mais infantil, a largura dos lábios e um rosto inocente. As pinturas e cocar, apresentam sentidos específicos de alguma etnia e hierarquia que está relacionada ao sujeito em exposição. A etnia aqui presente é Yawanawá, localizada no estado do Acre

De maneira geral, as três fotografias apresentam uma constituição temática de indígenas, figurativizada pelo corpo e, para além dele, por elementos outros como cocar e pela ambiência, por exemplo.

É possível notar nas três fotografias que representam não apenas três indígenas, mas sim também três facetas, sendo elas um homem adulto, uma mulher adulta e uma criança, como se constituíssem uma família, família sendo algo que extremamente importante em uma cultura indígena.

É possível notar também a escolha de composição da imagem, Sebastião salgado trabalha muito com as cores pretos e brancos, e vemos essa composição em a maioria de suas obras, e a da a exposição da Amazônia não foi diferente, essa cor escolhida é vista como uma composição forte e contrastada, dando mais força para a imagem, como se quisesse causar algum impacto seja social ou ambiental, vemos nas três fotos essa cor e mesmo que talvez a cores coloridas sejam melhores para poder representar os indígenas as cores preto e branco causam um maior impacto para aqueles que estão apreciando a obra.

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo é demonstrar que através da fotografia é possível fazer análise através da fotografia através de um nível discursivo, a fotografia não é apenas uma imagem estática e sem valor, existe toda uma narrativa que se pode descobrir através dela.

De certa forma é incrível saber que a fotografia pode ser interpretada de várias maneiras de como contar história através da fotografia, neste artigo podemos ver que Sebastião Salgado conseguiu mostrar através de suas fotos como a fotografia pode ajudar no entendimento de povos nativos brasileiros que são os indígenas.

Ao ver essas fotos somos convidados a ver e refletir sobre os povos indígenas da Amazônia, e conseguir ver sua cultura, seus mistérios, sua força e sua incomparável beleza.

Sebastião Salgado sempre faz com que quem for olhar sua obra pense no que ele está querendo transmitir de verdade com seu trabalho, principalmente em temas como os Indígenas, que são povos que não podem ser esquecidos e merecem seu devido reconhecimento e importância, principalmente na história e causas sociais, fazendo isso através de suas fotos.

Essa é a principal razão que me levou a escrever esse artigo com o tema indígena, isto é mostrar que a fotografia é muito mais do que uma simples imagem, vimos que a semiótica como estudo dos processos dos signos ajuda a melhor compreender e analisar um objeto, mas não apenas textos mas também música e imagens, com tudo podendo ser analisada e de certa forma poder ser analisada, acredito que consegui alcançar meu objetivo de analisar semioticamente de forma discursiva essas três fotos propostas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Análise semiótica do texto-escultura 'Cavaleiro Guaicuru'. **Fólio-Revista de Letras**, v. 14, n. 2, 2022.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise de Discurso.** 14. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica.** 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural:** pesquisa e método. São Paulo: Cultrix, 1966.

MARONESE, Virginia. **A Fotografia a partir do olhar da Semiótica.** Fotografia DG. Portugal, 04 jul. 2018. Disponível em <https://www.fotografia-dg.com/a-fotografia-a-partir-do-olhar-da-semiotica/>. Acesso em 19/10/2022.

NUNES, Marília Forgearini. Capas Da Cacique: Efeitos De Sentido Da Infância, Do Brincar E Da Brincadeira Nos Anos 1950 Em Uma Revista Infantil. In: **Caderno de Resumos do Congresso de Leitura do Brasil**. 2021.

SALGADO, Sebastião. **Amazônia**, 21/06/2021. 1ª. ed. Editora Taschen. Idioma Espanhol.

TEBALDI, Claudio. **Qual a importância da fotografia na vida das pessoas?.** Claudio Tebaldi Fotografia. Rio de Janeiro, 01/10/2021. Disponível em <https://www.claudiotebaldi.com.br/blog/qual-a-import%C3%A2ncia-da-fotografia-na vidadaspessoas#:~:text=Ela%20retrata%20momentos%2C%20ocasi%C3%B5es%20especiais,ser%20memorizados%2C%20guardados%20e%20relembrados >. Acesso em 20/10/2022

VIEIRA, Isis. **A importância da fotografia no registro de momentos.** Blog Tecnicópias Impressão Digital. Paraná, Curitiba, 27/12/2018. Disponível em <https://www.tecnicopias.com.br/blog/interna/199-a-importancia-da-fotografia-no-registro-de-momentos >. Acesso em 20/10/2022.

CAPÍTULO 7

GOD IS WOMAN: TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO DO TEXTO-FÍLMICO VIDEOCLIPE DA ARIANA GRANDE

Lívia Barros Medina

INTRODUÇÃO

A música acabou se tornando uma companheira constante do dia-a-dia dos jovens, adultos e até os mais velhos que muitas vezes as utilizam para relembrar do passado ou sentir as mudanças do presente. Como uma definição e base de estudo, o artigo em específico dotará que a música é "padrões temporais organizados de signos, seja forma, sintaxe e métrica constitui-se em uns verdadeiros sistemas independente e complexo, no qual [...] significados irão remeter-se [...] ao estilo musical (MUSZKAT; CORREIA; CAMPOS, 2000, p. 70). Outra definição essencial para a realização e análise da pesquisa é a de Videoclipe, que de acordo com o dicionário de línguas (Oxford Languages), significa "curta-metragem em filme ou vídeo que ilustra uma música e/ou apresenta o trabalho de um artista''.

Tendo em vista esses conceitos, esta pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, tem como objetivo principal analisar, a partir do aparato teórico-metodológico da Semiótica Discursiva (GREIMAS, 1966), o videoclipe da cantora Ariana Grande[1] lançado em 2018, mais especificamente, o intitulado *God is a woman*[2]. A escolha desse recorte se deve a diversidade de significados e críticas sociais feita pela cantora sobre o papel da mulher na sociedade e a imagem dos valores de uma mulher.

Dos trabalhos encontrados que estudam sobre o referido objeto, encontra-se Rodrigues e Martins (2020) que ao tratarem sobre empoderamento feminino em clipes de música pop de maneira geral, num viés linguístico sistêmico-funcional, mencionam acerca de *God is woman*; e, mais recentemente, o estudo de Yas (2021) que, por meio

1 Ariana Grande-Butera, conhecida por Ariana Grande é uma cantora, compositora, instrumentista, dançarina, produtora musical, dubladora, apresentadora de programa e atriz norte-americana.
2 Videoclipe pode ser encontrado em: <https://youtu.be/kHLHSlExFis>. Acesso em: 07 out. 2022.

da perspectiva arqueológica de Foucault, analisa o clipe em questão, observando a relação de poder e o feminino.

Vale ressaltar que, tais estudos, por mais que analisem o mesmo objeto que este trabalho, analisam sob perspectivas outras as quais não se relacionam, efetivamente, com a da Semiótica Discursiva, contudo, contribuem, a partir de seus respectivos pontos de vistas, na observação do objeto.

Sobre os trabalhos da presente perspectiva semiótica, que tratam sobre análises de videoclipes, pode-se destacar o de Holanda (2013) que analisou o clipe de *Thriller* do cantor Michael Jackson. Não se constatou trabalhos sobre *God is woman*, tampouco referentes às produções de Ariana Grande. Contudo, encontrou-se também, trabalhos outros sobre textos-fílmicos[3] de maneira geral, tais como Mendes (2019) e Faria (2021). Além de estudiosos outros que estudam não o videoclipe, mas a canção, especificamente, como Tatit (1994, 1998).

SEMIÓTICA DISCURSIVA: TEORIA METODOLÓGICA

Como apontado, a construção da análise utilizará o alicerce da semiótica discursiva, de Greimas (1966). Para leitura da teoria, e posteriormente análise, foi indicado o estudo sobre obras do autor brasileiro José Luiz Fiorin. Fiorin é natural de Birigui, estado de São Paulo. Dentre seus feitos, cursou Letras na Faculdade de Penápolis, foi professor de diversos lugares como: Piacatu, Birigui e São Paulo; fez mestrado e doutorado em Linguística, na Universidade de São Paulo (USP); em 1983 fez pós-doutorado na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e atualmente é professor-associado do Departamento de Linguística da FFLCH da USP. Respeitado e visto como referência

3 Texto fílmico se refere a produções visuais que possuem elementos como: imagem em movimento, som musical, som de falas e escrita.

para diversos professores e analistas de diversos temas abordados no estudo da semiótica, José Luiz Fiorin contribuiu por meio das obras como: *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo (1996); Linguagem e Ideologia (2001); Argumentação (2016)* e *Elementos de Análise do Discurso (2006)*, sendo esta última utilizada como base principal para metodologia analítica deste artigo.

A edição (ed.14) do livro objeto, *Elementos de Análise do Discurso* foi publicada em 2006, pela editora Contexto, e é dividida em três principais partes, sendo elas: Percurso gerativo de sentido; Sintaxe discursiva e Semântica Discursiva que será o percurso do qual este artigo utilizará para análise do videoclipe *God Is a Woman.*

Como contextualização e utilizando por meio dos ensinamentos de Fiorin, o artigo terá como ponto de partida um dos elementos existentes no nível discursivo. O nível discursivo é classificado como narrativa invariante. Um exemplo utilizado pelo autor são as fotonovelas que possuem uma narrativa fixa, onde a mocinha se apaixona pelo mocinho, mas algo os impede de ficar juntos. No final acontece uma reviravolta, eles superam as adversidades e consegue enfim, seu final feliz. O autor afirma que o contexto pode mudar de local, tempo, espaço, mas que independentemente disso, a narrativa continuará fixa. Diferentemente do nível narrativo que usa formas abstratas de forma "livre", no nível discursivo, essas formas abstratas são revestidas de formas que lhe tragam concretude.

Dentro desse nível, o artigo utilizará em específico os subtópico: *temas e figuras* e "*os conceitos de percursos figurativos e percursos temáticos*", como base teórica-metodológica. No primeiro deles, Fiorin (2006) ressalta os conceitos de tema e figura, sendo elas uma oposição de algo concreto e algo que se remete somente às coisas que existem no mundo natural, respectivamente.

Sendo assim, ele ainda afirma que existem dois tipos de texto: os figurativos e os temáticos. Os figurativos criam o efeito de realidade, pois mostram elementos que existem e que ordenam o real, criando a noção de representatividade e descrição. Já os temáticos, trazem uma alusão mais interpretativa, onde se encontram presente elementos que tentam explicar o mundo. Um dos exemplos são os textos que utilizam por meio de sentimentos para se expressar. Frequentemente ambos os tipos trabalham juntos e na maioria das vezes, se completam.

Quando o autor leva em consideração "*os conceitos de percursos figurativos e percursos temáticos*", Fiorin (2006) destaca que a partir dos diversos lexemas existentes em um texto, o mesmo pode conter diversos significados. Consequentemente, um texto pode ter mais de um percurso figurativo dos quais dependem da coerência e dos temas desejados.

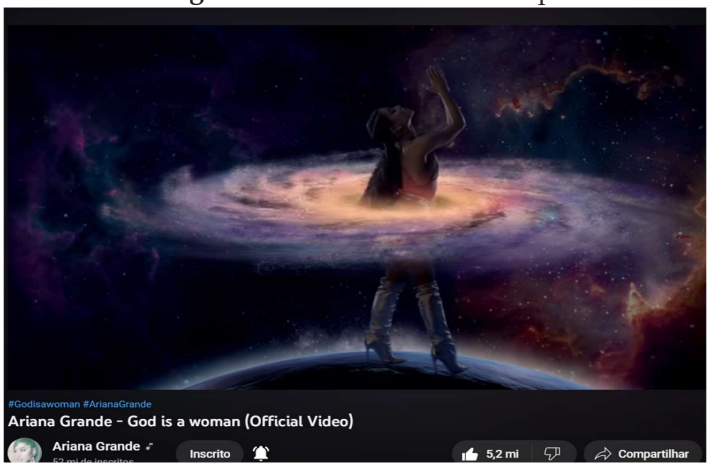
Os percursos temáticos só se encontram evidentemente em discursos temáticos e para se ter uma boa análise do texto, os temas, assim como nos percursos figurativos, não devem ser analisados separadamente.

ANÁLISE

Logo no início do videoclipe podemos analisar a cantora como a representação da mulher no centro da galáxia, como se estivesse no centro do mundo. Além de ser uma figurativização da temática do empoderamento feminino, percebe-se que a galáxia mencionada se encontra em torno do ventre da cantora, o que simboliza que o universo foi criado a partir do ventre, ou seja, que a mulher possui um papel fundamental na maternidade e na criação do mundo e nas coisas em geral. Como complemento, os movimentos que a cantora

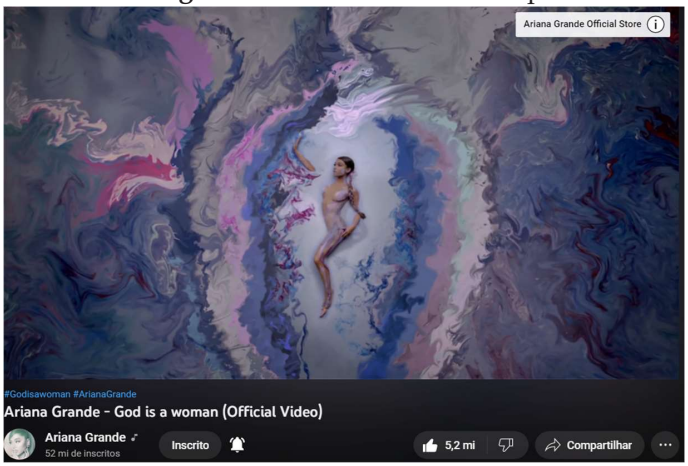
faz com a cintura, dita o ritmo e o sentido para o qual a galáxia está girando. Vejamos:

Imagem 1 - *Screenshot* do videoclipe



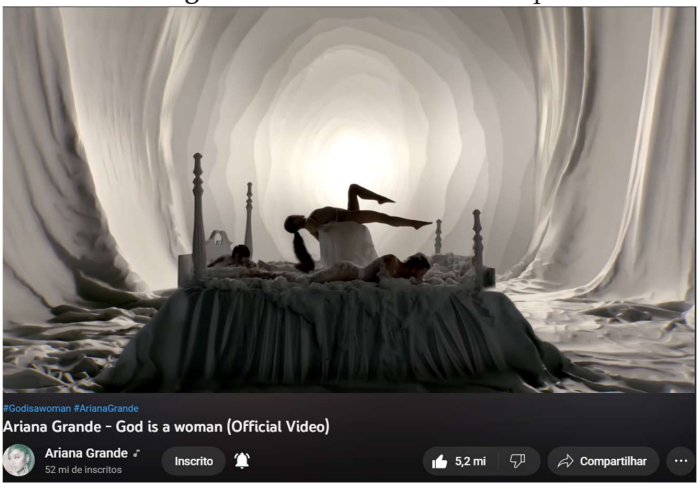
Com o andamento do clipe, as cenas fazem uma transição para outro momento importante e significativo que além de trazer a figurativização e temática do poder femino, acompanha um ar de sexualidade, amor e prazer ao próprio corpo. Na cena, a cantora está deitada em um ambiente coberto de tinta que ao serem analisadas, o formato da arte elaborada que distinguem do branco predominante, possui o formato do órgão reprodutor feminino. A cantora, que está no centro da representação, simboliza o clítoris, que é responsável unicamente por gerar o prazer feminino. Além da Ariana Grande simbolizar a parte íntima feminina, percebesse que com os movimentos de seu braço esquerdo, ela vai movimentando e juntando as tintas, simbolizando com isso, o auto prazer, como pode ser percebido na imagem abaixo.

Imagem 2 - *Screenshot* do videoclipe



Logo em seguida, a cantora ainda segue a linha de raciocínio do amor e prazer com parceiros e com si mesmo. Nos elementos que compõem a imagem, temos a Ariana grande sensualizando no centro da cama e pessoas (tanto homens quanto mulheres) deitadas em tinta branca remetendo ao ápice/êxtase da relação sexual.

Imagem 3 - *Screenshot* do videoclipe



Mudando o tema para uma crítica ao machismo, e fazendo um parêntese sobre a forma como a mulher é foi tratada e vista pela sociedade tanto atual como antiga, Ariana Grande traz no clipe a

imagem de um livro - remetendo a história da mulher na sociedade - e possui, como elemento principal, a cantora fazendo referência a obra do francês Auguste Robin de 1904 que retrata Dante em frente aos portões do Inferno, ponderando seu grande poema. Na pose da escultura *O Pensador,* - representada por um homem - a cantora se encontra em meio a figuras masculinas que "jogam" palavras ofensivas e críticas em sua direção.

Além de figurativizar os preconceitos e as falas machistas que até hoje se mostram constantes na sociedade e fazer uma crítica aos pensamentos de que a mulher é inferior, não tão racional/inteligente como o homem, o clipe simboliza que a mulher também pode ocupar um lugar que foi destinado a um homem.

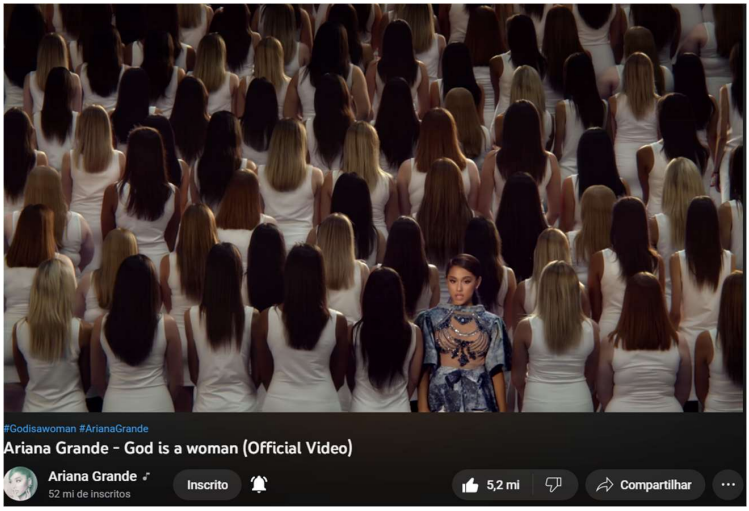
Juntos com esses preceitos, a cena faz referência às duras críticas que a cantora recebeu ao longo de sua carreira como atriz e cantora.

É perceptível notar que ao longo dos acontecimentos que compõem o clipe, esta é a primeira cena do qual as cores são em preto e branco. Isso pode se dar ao fato de não conter elementos felizes, desejos, poder e amor que são predominantes no vídeo. Essa característica pode dar a impressão de melancolia e tristeza ao receptor.

Imagem 4 - *Screenshot* do videoclipe

No trecho a ser comentado a seguir, pode-se analisar que uma diversidade de mulheres estão de costas e não mostram o rosto, mas que a cantora se encontra de frente para a câmera. Esse conjunto de elementos refere-se ao fato de que como Ariana Grande é uma cantora e uma pessoa pública, ela carrega consigo a responsabilidade de representar a mulher. Muitas mulheres espalhadas pelo mundo não possuem o direito e a chance de serem ouvidas, representadas e ajudadas, e com esse clipe, Ariana Grande diz de forma indireta que elas não estão sozinhas já que cantoras como Ariana Grande, podem ajudar a representá-las de alguma forma.

Imagem 5 - *Screenshot* do videoclipe

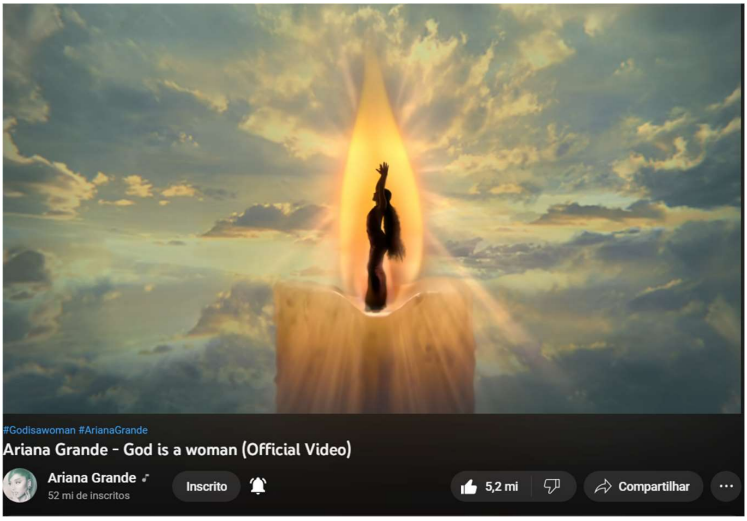


Com a imagem abaixo, Ariana Grande simboliza a mulher como aquela que dá a luz ao mundo, a vida, já que uma mulher carrega, distribui os nutrientes necessários para o crescimento do feto durante a gestação e ao final, dá a luz a uma nova vida, trazendo uma temática e figurativização da maternidade, poder feminino, criação e vida. Além disso, a cena faz referência a um trecho da bíblia encontrado no começo do livro de Gênesis onde diz que Deus fez com que surgisse luz no mundo e pouco tempo depois criou o homem - que no caso da mensagem no clipe, é representado por uma mulher.

Ao analisar as cores presentes na cena, as mulheres sem rosto estão vestidas de branco e a cantora com roupas azuis que simbolizam lealdade, confiança e tranquilidade que são possíveis atributos dos quais a cantora quer passar para as mulheres do qual representa e representará futuramente.

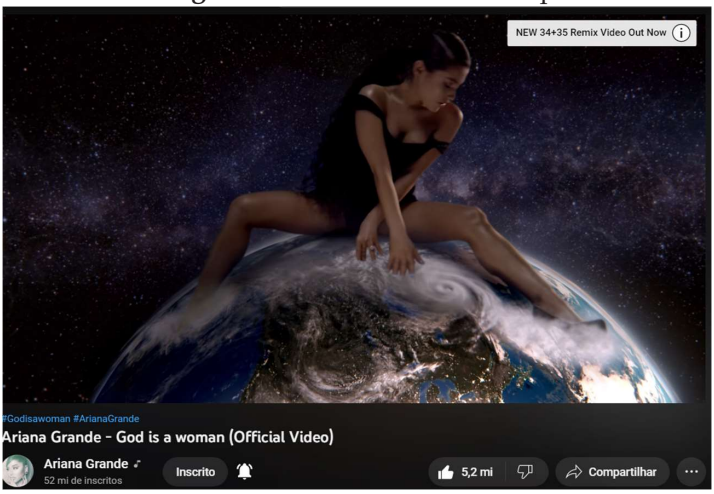
No caso da iluminação vinda das mulheres, ela vem de trás, iluminando os rostos que não parecem e como único foco de atenção, a iluminação na cantora vem de frente.

Imagem 6 - *Screenshot* do videoclipe



Seguindo a linha de raciocínio religioso muito presente em todo o clipe, Ariana Grande simboliza a criação do mundo na cena em que está sentada de pernas abertas em cima da terra. Se analisar as posições e os movimentos de seus braços e mãos, a cantora retrata novamente o ato sexual realizado de forma própria e individual, simbolizando dessa forma, a criação do mundo realizado a partir de uma mulher e fazendo uma ligação com o nome da música em si, ou seja, Deus é uma mulher (God is a woman).

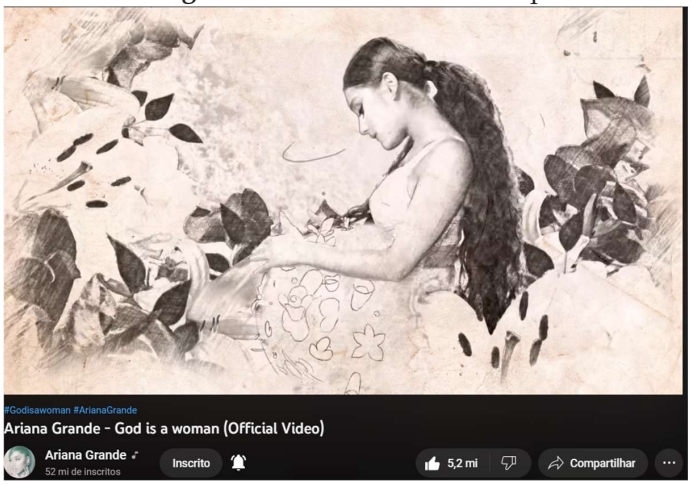
Imagem 7 - *Screenshot* do videoclipe



Na teoria da criação do mundo, Deus criou Adão e Eva que, teoricamente, são os primeiros pais do mundo. Na cena abaixo, Ariana Grande representa essa teoria onde se encontra passeando em um jardim (figurativizando o jardim do Éden) e a partir de flores e plantas que se encontram no local, sua barriga cresce, referenciando uma gravidez.

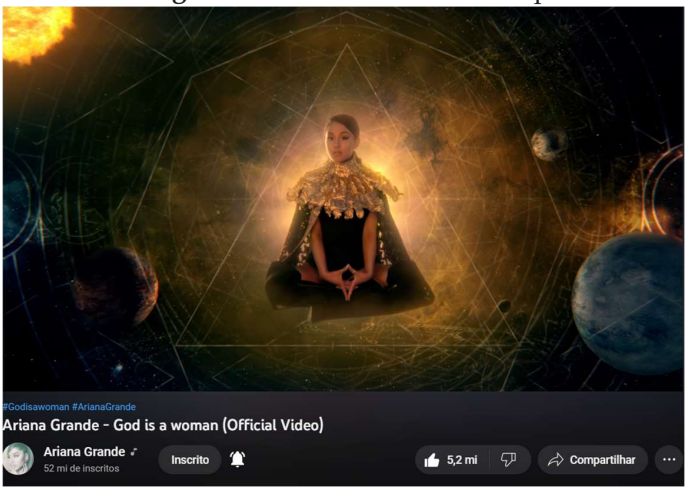
O surgimento de uma vida a partir de uma mulher é um dos principais temas que surgem ao decorrer do clipe e em quase todas as cenas, a cantora faz referência a criação do mundo, onde ela própria, representa os três papéis principais: Deus, Adão e Eva, ambos presentes na teoria cristã.

Imagem 9 - *Screenshot* do videoclipe



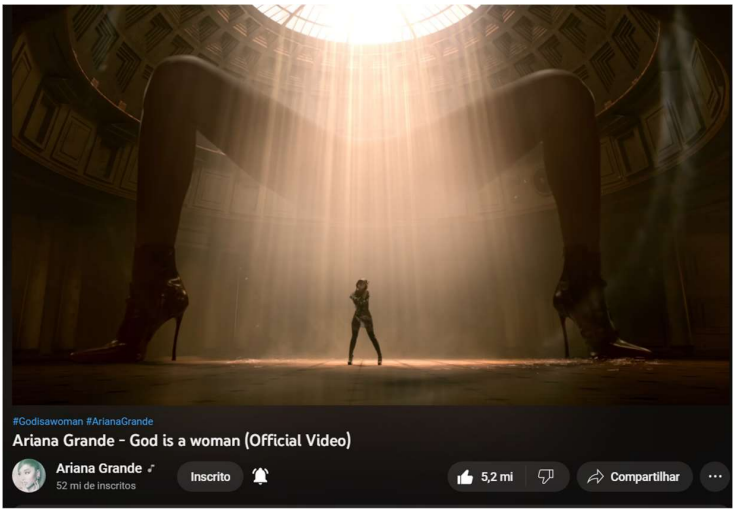
Ainda no centro não só do mundo, mas de todas as coisas e universos já feitos, Ariana Grande simboliza em suas mãos, o órgão reprodutor feminino. Nesta cena a cantora faz o papel do ponto de partida, o primeiro passo para a criação do universo, conhecida cientificamente como "Partícula de Deus", (partícula do qual surgiu após o Big Bang que representa a chave para explicar a origem das massas de outras partículas elementares) Ariana grande de novo, faz o papel de Deus na criação:

Imagem 10 - *Screenshot* do videoclipe



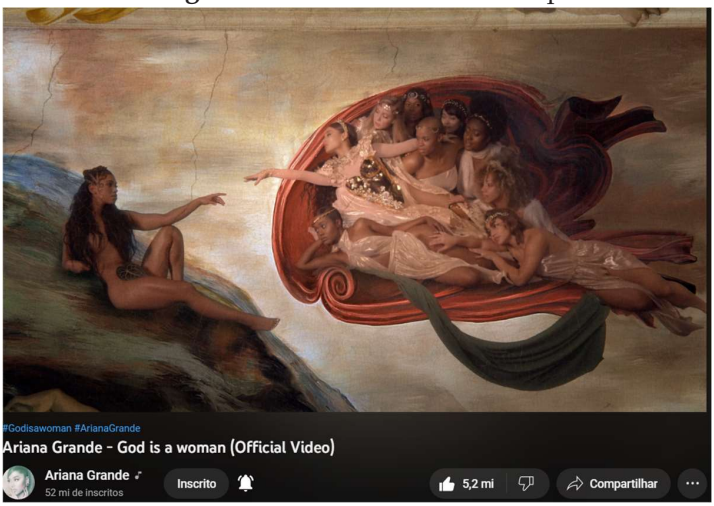
Com as pernas abertas, o salto alto representando o poder feminino, uma luz que passa por entre as pernas, a cantora, fazendo ligação com a 6° imagem analisada neste artigo, simboliza a mulher como a luz do mundo. Além disso, essa cena representa, mais uma vez, a mulher como alguém que dá a Luz a um novo indivíduo, uma nova vida.

Imagem 11 - *Screenshot* do videoclipe



Na cena final do clipe, na figura a seguir, a cantora faz uma releitura da obra *"A Criação de Adão"*, criada em 1511 e pintada no teto da Capela Sistina por Michelangelo.

Imagem 11 - *Screenshot* do videoclipe



A pintura se refere a um episódio do livro de gênesis do qual cita que Deus criou o primeiro homem a partir do pó da terra. Em vez de um homem simbolizar Adão, uma mulher negra se posiciona em seu lugar, dando a entender desta forma, que foi a partir de uma mulher que se criou o mundo, ou seja, que a primeira habitante da terra era uma pessoa do sexo feminino. Ocupando o lugar de Deus, encontra-se Ariana Grande, fazendo referência, mais uma vez, ao nome da música.

CONCLUSÃO

Este artigo conclui-se então que o clipe analisado contém diversos temas e figurativização, sendo a maioria delas sobre o poder da mulher, o feminismo, a criação do mundo a partir de uma mulher, o desejo realizado de forma própria e a maternidade.

Sendo assim, o objetivo principal do artigo do qual é composto pela análise teórica-metodológica a partir dos conceitos da semiótica baseados no livro de Fiorin (2006) foi calçado.

É importante ressaltar que este artigo está aberto para novas análises sobre o clipe, podendo elas ser em relação a música, letra, melodia e/ou os significados e estudos das cores presentes no videoclipe.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). **Introdução à Linguística II***:* princípios de análise. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2019.

FARIA, J. G. **Representação da nostalgia nos textos fílmicos de animação:** O Livro da Selva (1967) e A Viagem de Chihiro (2001). [Dissertação de mestrado], Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural:** pesquisa e método. São Paulo: Cultrix, 1966.

HOLANDA, Marcello Vasconcelos**. Thriller:** uma análise semiótica e seu legado na cultura do videoclipe. 2013. 57f. TCC (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Publicidade e Propaganda, Fortaleza (CE), 2013.

JÚNIOR, Jeder Janotti; SOARES, Thiago. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. **Galáxia,** n. 15, p. 91-108, 2008.

MENDES, Conrado Moreira. Entre o sensível e o inteligível: uma leitura semiótica do episódio Hino Nacional, do Seriado Black Mirror. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 14, p. 128-149, 2019.

MUSZKAT, Mauro; CORREIA, Cleo MF; CAMPOS, Sandra M. Música e neurociências. **Revista Neurociências**, v. 8, n. 2, p. 70-75, 2000.

RODRIGUES, W. N.; MARTINS, M. J. Girl power: empoderamento feminino em música pop. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 846-866.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

TATIT, Luiz. **Musicando a semiótica:** ensaios. Annablume, 1998.

TATIT, Luiz. **Semiótica da canção:** melodia e letra. Escuta, 1994.

YAS, Yasmim Oliveira Maia; DILERMANDO, Dilermado Gadelha de Vasconcelos Neto; WILL, Will Montenegro Teixeira. God Is A Woman: A mulher em disputa na linguagem do videoclipe. **Eikon**, n. 9, 2021.

CAPÍTULO 8

ANÁLISE SEMIÓTICA DO FILME PONYO: UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR

Daniela Neves Urbanek

INTRODUÇÃO

> A vida, às vezes, pode ser misteriosa e incrível mas temos que manter a calma nesse momento para fazermos a coisa certa! Ponyo.

O filme contemplado nessa análise, *Ponyo: Uma Amizade Que Veio do Mar*, é uma obra de animação cinematográfica japonesa lançada no ano de 2008 pelo Studio Ghibli e Walt Disney Studios, sob a direção de Hayao Miyazaki, que também dirigiu filmes tais como "O Castelo Animado", "Meu Amigo Totoro", e "A Viagem de Chihiro", filme ganhador do Oscar de Melhor Filme de Animação em 2003. O objeto de estudo desse artigo é uma releitura do conto de "A Pequena Sereia" (1989), do Walt Disney Studios, tal qual é a releitura do conto "A Pequena Sereia" (1837), do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. A história do filme/objeto de estudo mostra a personagem Ponyo, uma peixe filha de uma feiticeiro das águas, que, em seu anseio por viver longe do mar, foge e encontra Sosuke, um garoto de 5 anos que mora no topo da colina com sua mãe, assim começa a jornada de Ponyo para se tornar parte daquele mundo tão diferente e encantador.

A literatura existente sobre o objeto de estudo não é tão vasta, aparecendo, em sua maioria, presente em trabalhos que o abrange em conjunto com outros filmes sob a direção de Miyazaki. Também foram encontrados poucos os trabalhos sobre análise semiótica que abordassem o filme.

Este texto sincrético está sendo analisado sob o olhar da Semiótica Discursiva de linha francesa, através do percurso gerativo de análise de sentido, com o nível fundamental sendo o método de análise escolhido. É de objetivo geral dessa análise destacar os conceitos fundamentais trabalhados no texto, e de objetivo específico destacar como os valores semânticos de tais conceitos são volúveis dentro das

visões apresentadas por algumas das personagens que compõem o núcleo principal. Esse trabalho conta como base teórica o trabalho de Fiorin (2022).

1. TEORIA/MÉTODO

> Pode-se definir, [...], semiótica como um conjunto significante que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma (GREIMAS, 2021).

De antemão, deve-se definir o que a Semiótica Discursiva. Sendo da linha francesa, a Semiótica do Discurso tem o texto como seu objeto de estudo, não se limitando a apenas a frase ou palavra isolada, e procura analisar e explicar os sentidos que envolvem tal texto. Tal objeto de estudo agora é tão abrangente, que também não se limita apenas a textos escritos, mas a todos os tipos de forma de expressão, ou seja, todos os tipos de textos, sejam eles escritos, orais, visuais, sincréticos, entre muitos outros. Para fazer a análise de tal objeto, é preciso fazer uma combinação de procedimentos que visam estudar a organização linguística e discursiva do texto juntamente em relação com a história e sociedade que o envolvem; faz a análise de forma que vai do mais simples e abstrato presente no texto, até o mais complexo e concreto, se dividindo em três níveis de análise: o nível fundamental, nível narrativo, e nível discursivo.

Como já mencionado, o nível que está usado para a análise neste trabalho é o Nível Fundamental, que trabalha com as categorias semânticas presentes na base construção do texto. É o nível mais profundo, que se empenha nas oposições semânticas dentro do texto. Fiorin apresenta que "Uma categoria semântica se fundamenta numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença" (2022, p.

21), portanto é possível opor elementos como /masculinidade/ a /feminilidade/, por estarem no mesmo domínio, o da /sexualidade/, porem já não seria o caso de /verticalidade/ a /sagacidade/ pois não possuem tal traço de conexão entre um e o outro. Também é preciso saber que os elementos encontrados serão os mais abstratos possíveis, não sendo capazes de ter um termo mais especifico que eles.

Os termos opostos mantem entre si uma relação de contrariedade, ou seja, tem uma relação de pressuposição reciproca. Também se tem os termos contraditórios, que são a negação de cada um dos elementos opostos que implica o termo contrário ao que ele é contraditório, por exemplo o termo /não masculinidade/ é contraditório ao elemento /masculinidade/ e implica o elemento /feminilidade/. Os dois contraditórios são contrários entre si, recebendo o nome de "subcontrários". Fiorin reforça a necessidade de ter esses dois: "[...] os termos que estão em relação de contraditoriedade definem-se pela presença e ausência de um dado traço: [...] os termos em relação de contrariedade possuem um conteúdo positivo cada um. Assim, a feminilidade não é a ausência de masculinidade, mas é uma marca semântica específica" (2022, p. 22). Cada um dos elementos da categoria semântica recebe uma qualificação semântica: /euforia/ que é um valor positivo; ou /disforia/ que é um valor negativo. Tais qualificações não são inerentes a certos elementos, e sim serão distribuídos de acordo com o modo que o texto trabalha cada um dos elementos.

2. ANÁLISE

Concluindo a teorização e tendo familiarizado a metodologia, pontua-se a seguir tais questões no *corpus* **Ponyo: Uma Amizade Que Veio do Mar.**

O filme em análise possui diversas oposições semânticas, contudo, essa analise pretende focar apenas na seguinte oposição:

Liberdade *versus* Opressão

Antes de tudo, é preciso referenciar a definição de cada um desses elementos de acordo com a forma que o texto o apresenta. O elemento /*liberdade*/ é percebível no texto se referindo à vida fora do mar, ou seja, a vontade de Ponyo e a motivação para que fugisse de sua família, e, depois de seu encontro com Sosuke, a vida ao lado dele entra para a definição desse elemento. Portanto, de acordo com o texto:

Liberdade= vida fora do mar; vida como uma humana; vida com o Sosuke

Assim, o elemento /*opressão*/ se apresenta no texto quando se trata da vida no mar, quando o pai dela sai a procura dela e a leva de volta para o oceano, transformando-a novamente em peixe. Portanto, entende-se:

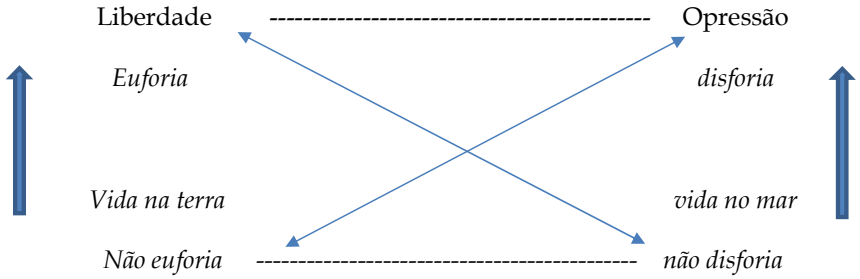
Opressão= vida dentro do mar; vida como peixe; vida longe de Sosuke

Com a conceitualização de cada elemento, ou seja, a o que cada elemento se refere no texto, é preciso vislumbrar qual qualificação semântica é cedida a cada um desses elementos opostos. De acordo com o objeto de análise, pode-se concluir que /*liberdade*/ recebe um valor positivo, sendo eufórico; e /*opressão*/ recebe um valor negativo, sendo disfórico.

Ambos os elementos são contrários e cada um pressupõe o outro. Aplicando neles operação de negação, tem-se os termos contraditórios, ou subcontrários, /*não liberdade*/ a /*não opressão*/. Assim, tem-se as seguintes relações: /*liberdade*/ sendo contrário a /*opressão*/ e contraditória a /*não liberdade*/; /*opressão*/ sendo contraria

a /*liberdade*/ e contraditória a /*não opressão*/; e /*não liberdade*/ e /*não opressão*/ sendo contrarias entre si.

Essas relações, postas no modelo do quadro semiótico, se apresentaria assim:



Como é de propósito especifico dessa análise, é possível a inversão das já ditas definições quando se inverte a perspectiva do filme. Se caso fosse observado o ponto de vista do pai de Ponyo, ver-se-ia que o elemento /opressão/, enquanto conceituado como "vida dentro do mar; vida como peixe; vida longe de Sosuke.", recebe um valor positivo, sendo assim eufórico; e o elemento /liberdade/, enquanto conceituado como "vida fora do mar; vida como uma humana; vida com o Sosuke", recebe um valor negativo, sendo assim disfórico.

Ambos pontos de vista são perceptíveis no texto, apesar de ele ser focado e ter como principal o ponto de vista de Ponyo.

Como já mencionado, seria possível a análise de outras oposições presentes no texto, como /natureza/ *versus* /cultura/, onde /natureza/ se referiria a natureza em si, o regresso ao período natural sem a modernização do ser humano, ou seja, de acordo com a vontade do pai da Ponyo, e, portanto, recebendo um valor semântico disfórico; e /cultura/ sendo a civilização, a evolução humana na terra/espaço geográfico, a vida humana em si, assim de acordo com a vontade Ponyo e recendo um valor semântico eufórico. Contudo, para melhor

elucidar tais elementos e ressaltar como se apresentam no *corpus*, seria necessária uma análise no Nível Discursivo, não entrando no âmbito do que foi proposto no presente trabalho.

CONCLUSÃO

Por fim, através da análise feita a partir do percurso gerativo de análise de sentido, usando o método do Nível Fundamental, tal como abordado por Fiorin (2000), este trabalho visava como objetivo geral destacar os conceitos fundamentais trabalhados no *corpus*, juntamente com o objetivo específico de destacar como esses conceitos podem variar quando observados de diferentes pontos de referência, nesse caso, personagens.

Pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados, conceitos como /liberdade/ *versus* /opressão/ e /cultura/ *versus* /natureza/ foram manifestados e conceitualizados, além de terem suas mutabilidades, ou seja, sua mudança no quesito de valores semânticos conforme o personagem que é usado como referência, explicitada.

REFERÊNCIAS

A Pequena Sereia. Direção de John Musker, Ron Clements. Produção de Howard Ashman, John Musker. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios, 1989.

ANDERSEN, H. C. *A Pequena Sereia*. 1837.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. São Paulo: Contexto, 2022.

GREIMAS, A. J. *Dicionário de Semiótica.* São Paulo: Cultrix, 2021.

PONYO*: Uma Amizade Que Veio do Mar*. Direção de Hayao Miyazaki. Produção de Toshio Suzuki. Japão: Studio Ghibli, 2008. Netflix.

CAPÍTULO 9

VINGANÇA AOS FREYS: ANÁLISE DO EPISÓDIO DA SÉRIE GAME OF THRONES

Bruna Rodrigues Salles

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral colaborar com os estudos semióticos analisando uma série cinematográfica, especificamente um determinado episódio da série *Game of Thrones* (GOT). Neste sentido, a famosa série norte-americana GOT é uma adaptação da sequência dos livros "A Song of Ice and the Fire", de George R.R. Martin, que conta a história da disputa mortal, entre famílias poderosas, pelo controle dos Sete Reinos de Westeros e a ascensão ao Trono de Ferro. Desta forma, uma das famílias protagonistas da série, os Starks, acabam sendo dizimados pela família Frey durante um casamento, conhecido como "Red Wedding" (Casamento Vermelho)[1], todavia nem todos os membros da família Stark foram mortos. E é a partir deste ponto que a vingança dos Starks contra os Freys se inicia e, consequentemente, inicia-se também, o nosso objeto que será analisado durante este trabalho.

Ademais, a partir da revisão da literatura dentro do contexto do objeto em estudo foi possível encontrar um trabalho sobre a análise semiótica francesa (especificamente na abordagem tensiva que está em um nível superior ao que vamos analisar neste trabalho), da cena em que ocorre o casamento vermelho, sendo o trecho de desfecho para o acontecimento do episódio que vamos abordar e analisar. O trabalho é um artigo da Coutinho (2022). Neste trabalho, a Coutinho nos dá uma perspectiva bem interessante e conseguimos perceber a dualidade das reações dos telespectadores que são causadas ao assistirem a mesma série, assim, quando comparamos com a cena da vingança dos Starks, é possível notar o poder de manipulação que a série tem ao conseguir fazer as pessoas ficarem horrorizadas e felizes com a morte de determinadas personagens, ou seja, aqui podemos encontrar os

1 Cenas do casamento vermelho no YouTube, em 05/04/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GuIZy9ETCu0

elementos disfóricos e eufóricos dentro do texto que vamos discorrer mais adiante na análise.

Neste contexto, diferente da reação que encontramos no artigo da Coutinho (2022), aqui aparecem sorrisos com um sentimento de justiça feita como expressão presente nos rostos dos telespectadores ao assistirem o primeiro episódio da sétima temporada de GOT.[2] Nos minutos iniciais do episódio, Arya Stark, a caçula da família, reúne e assassina todos os membros da família Frey com veneno. A cena produz expressões e reações físicas de alegria na maioria dos espectadores, os levando a brindar, bater palmas e gritar ao verem a vingança dos Starks sendo executada.[3]

Portanto, vamos analisar o primeiro episódio da sétima temporada de GOT e Coutinho (2022), a partir da análise semiótica investigou o nono episódio da terceira temporada da série em questão a fim de projetar como é construído este efeito de impacto nas pessoas que assistem. Diante disso, o presente trabalho vai tratar de fazer esta comparação também, mas de uma forma mínima, pois irá focar em outros aspectos de um nível mais inferior.

APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O presente artigo faz uso da semiótica discursiva francesa de Greimas no âmbito do conteúdo, que vê o texto como um todo e trabalha, especificamente, com o sentido. Neste contexto, o percurso gerativo apresentado por Greimas é dividido em três importantes níveis que são utilizados na análise do objeto deste trabalho: o fundamental, o narrativo e o discursivo, que se constroem do mais simples ao mais concreto.

2 Cenas da vingança de Arya Stark no YouTube, em 16/11/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6l7Y33ECl5o
3 Uma busca pelos termos "Revenge of Arya Stark" e "reaction" (reação) no YouTube, em 17/07/2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_fA1nAFAYOI

No primeiro nível, o fundamental, podemos encontrar elementos com presença de essência opositora, porém que possuem alguns traços em comum, e se encontram na base do desenvolvimento de um texto, como, por exemplo: /parcialidade/ *versus* /totalidade/, /natureza/ *versus* /cultura/, /vida/ *versus* /morte/, entre outros, e há também a contraditoriedade pela ausência de algum traço diferente da contradição citada anteriormente que possui os traços completos, como, por exemplo: /masculinidade/ *versus* /não masculinidade/. Ademais, o autor aponta que cada um desses elementos recebe uma qualificação semântica /euforia/ *versus* /disforia/, sendo a euforia um valor positivo e disforia um valor negativo.

Na análise do nível narrativo temos enunciados elementares, o primeiro é o enunciado de estado em que há a presença de fatores de disjunção (perca) ou conjunção (conquista) dentro da relação entre sujeito e objeto. O segundo é o enunciado de fazer que apresenta como característica o fator transformação. Portanto, existem duas espécies de narrativas mínimas, a privação (sujeito que tinha algo e perdeu) e a liquidação de uma privação (sujeito que não tinha algo e adquire algo). Todavia, os textos são narrativas complexas e não mínimas e compreende quatro fases: a manipulação (em que um sujeito leva outro a fazer algo), a competência (em que há um sujeito dotado da capacidade para realizar uma transformação na narrativa), a performance (fase de transformação) e a sanção (reconhecimento do sujeito que realiza o ato da performance). Na sequência, saindo da sintaxe narrativa e adentrando a semântica do nível narrativo teremos ainda dois tipos de objetos apresentados pelo autor: os modais e os de valor, nos primeiros temos o querer, o dever, o saber e o poder, em que é necessário adquirir para executar a performance, e nos segundos teremos conjunção ou disjunção na performance.

Adiante, possuímos o nível discursivo, sendo o nível mais concreto em relação aos níveis anteriores, as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão mais concretude como, por exemplo, quando especificamos a origem, a religião, costumes de algum actante (personagem) durante a narrativa do texto.

Assim, estes três níveis estão relacionados entre si, e serão a base para a análise do objeto do presente artigo.

ANÁLISE

Conforme foi citado no aparato vamos começar pelo nível fundamental, o elemento que podemos encontrar no episódio analisado é /vida/ *versus* /morte/, pois a princípio podemos ver os seres actantes brindando e festejando em um salão de festas (euforia/ vida), todavia depois de realizarem o principal brinde da noite, a maioria dos actantes começam a morrer, pois foram envenenados (disforia/morte).

Figura 01 -

(Cena em que Arya passa pelo corredor do salão que está cheio dos corpos da família Frey que ela envenenou), Fonte: Print do You Tube.

Todavia, há uma "brincadeira" com o sentido dos elementos /vida/ *versus* /morte/ já que as mortes que ocorrem são produto de uma vingança, então para o público as mortes representam algo bom, um sentimento de justiça feita.

No nível narrativo, podemos caracterizar a manipulação na cena em que Arya se disfarça do líder da família Frey para executar uma manipulação e fazer com que todos os demais actantes (membros da família Frey) bebam o vinho envenenado.

Fig. 02

(Arya disfarçada Walder Frey - Líder da família Frey), Fonte:Print do YouTube.

A actante Arya possui máscaras de rostos humanos reais das pessoas que ela já assassinou, por isso consegue cometer o ato de manipulação ao se passar por outras pessoas.

Fig. 03

(Cena da família Frey tomando vinho envenenado) Fonte: Print do You Tube.

Logo, é possível dizer que actante Arya realizou a competência, pois ela apresentou a capacidade para mudar a trajetória do enredo e também houve uma performance que transformou a história e o cenário do episódio que foi a extinção de uma das famílias importantes no mundo de Game of Thrones.

Ademais, no nível discursivo podemos apontar a fala da Arya ao executar a sua vingança: "O Norte se lembra", que remete há um costume das famílias que moram no Norte e, é usado principalmente no contexto de uma advertência, pois as pessoas do Norte se lembram e se vingam daqueles que os fizeram mau.

Fig. 04

Fonte: Print do YouTube.

Além disso, as cores seguindo uma paleta escura, a trilha sonora, a iluminação pelas velas do ambiente contribuem para enfatizar esse momento sombrio e de tensão até que Arya tire a máscara e revele de fato que sua vingança foi executada.

CONCLUSÃO

Levando em consideração a análise estabelecida é possível concluir que o objetivo de estudar não só o que o texto diz, mas sim como ele diz pode ser alcançada, analisando os actantes, os cenários e suas cores sombrias, tudo isso culmina para enfatizar o elemento vingança que é o tema central da trama, todos os elementos fazem o público sentir uma tensão e vibrarem com a sensação de justiça feita.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Mariana de Souza. A construção concessiva do Casamento Vermelho: análise de episódio da série Game of Thrones. *Revista do GEL*, v.19, n.1, p.59-76, 2022. Disponível em: https://revistas.gel.org.br/rg.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 14. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

CAPÍTULO 10

A REGÊNCIA NA GRADUAÇÃO SOBRE SEMÂNTICA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCÊNCIA

Renan Ramires de Azevedo

Introdução

Este capítulo é um texto sobre a regência, do estágio docência de mestrado, realizada no período 2022.2, na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Este estágio docência foi desenvolvido, mais especificamente, no Curso de Graduação em Letras da UFMS, associado à disciplina "Semiótica Discursiva I", ofertada amplamente para a Faculdade, FAALC, como um todo, de maneira optativa, incluindo para as turmas dos cursos de Artes Visuais - Licenciatura - Habilitação em Artes Plásticas; Artes Visuais - Bacharelado - Habilitação em Artes Plásticas; Música - Licenciatura; Jornalismo - Bacharelado; Letras - Licenciatura - Português e Espanhol; Letras - Licenciatura - Português e Inglês; Audiovisual - Bacharelado; Letras Licenciatura Português e Espanhol e Letras Licenciatura Português e Inglês.

Dessa maneira, este capítulo se empenha em apresentar a regência do estágio docência na disciplina *Semiótica Discursiva I* (2022.2), tanto no que se refere em discorrer acerca da perspectiva teórica em que a disciplina se envolveu em sala quanto no que se refere em relatar o que foi e como foi desenvolvido a aula de regência do mestrando desse estágio na graduação.

O Plano de Ação do Estágio realizado

Acerca do Plano de Ação do Estágio realizado, previu-se, desde o início do semestre, reuniões de planejamento da disciplina entre estagiário e a professora titular da disciplina, acompanhamento de aulas no horário regular, oferta de monitorias, a regência, acompanhamento da avaliação e produção de relatório final de estágio.

A reunião com a professora titular da disciplina realizou-se em variados momentos do semestre, a fim de definir desde o plano de ensino para o estágio até o conteúdo programático, material didático e divisão da carga horária a ser cumprida. Essas reuniões subsidiaram também o processo de correções das avaliações e o alinhamento de todas outras ações que envolveram o estágio.

O Acompanhamento das aulas no horário regular, ou atividade de observação, foi a ação de maior carga horária do estágio como um todo. Com a observação contínua das aulas no percorrer do semestre, possibilitou-se conhecer o perfil dos estudantes e aprender os processos de ensino e aprendizagem na graduação com a professora.

As monitorias, por sua vez, foram oferecidas no contraturno das aulas, com o objetivo de ajudar aos alunos que apresentaram dificuldades na compreensão do conteúdo ministrado, assim como na elaboração das atividades e do artigo final da disciplina.

A regência, maior parte tratada nesse capítulo, foi organizada em acordo com os conteúdos propostos para a disciplina. As aulas foram preparadas de forma que contemplassem aspectos acerca da semântica do nível discursivo no conteúdo intitulado "Percurso Gerativo do Sentido: Semântica discursiva: figurativização".

O acompanhamento da avaliação se refere tanto ao planejamento delineado como a aplicação propriamente dita da avaliação. Na disciplina, a avaliação se deu por meio da produção de uma resenha, de partes do livro *Elementos da análise do discurso*, de Fiorin (2000); e por meio da produção de um artigo científico – organizado em entrega de 1ª e 2ª versão. Esta avaliação em artigo tinha como objetivo, primeiramente, desenvolver o olhar analítico semiótico, por parte dos graduandos, a partir de um objeto semiótico eleito por eles mesmos; outro objetivo com essa avaliação foi o de iniciar e/ou

fomentar a escrita acadêmica e científica dos graduandos. Parte desses artigos foram selecionados para a composição deste e-book, a partir do critério de interesse e de conclusão do texto.

Por fim, de caráter mais burocrático, a produção do relatório final de estágio deu-se a partir das produções e conclusões do desenvolvimento do estágio na disciplina. A carga horária total da disciplina era de 30h.

A Teoria Semiótica Discursiva e seu Percurso Gerativo de Sentido

Como já apontado, a obra deste e-book bem como o estágio e a disciplina da graduação em questão permeiam ações e produções envoltas à promoção e estudo da perspectiva teórica da semiótica discursiva, da escola de paris, "fundada" por Algirdas J. Greimas. Dessa maneira, ressalta-se que essa linha teórica não se refere à semiótica estadunidense, de Pierce, tampouco à russa, de Tártu. Sobre a chamada Semiótica Discursiva, francesa, é necessário apontar que é uma ciência que é alinhada às noções linguísticas e sígnicas de Saussure (2012 [1916]).

A partir desta contextualização geral da teoria semiótica que tratamos, salientamos que o *texto* é o objeto de estudo dessa ciência, e ela tem como principal objetivo: "explicar os sentidos do texto, isto é, *o que o texto diz*, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos" (BARROS, 2019, p. 187, grifos da autora). Para alcançar esse objetivo, a semiótica se oferece, para além de uma teoria, como uma metodologia científica de análise, por meio de seu *percurso gerativo do sentido*, percurso esse em que o objeto analisado transpassa, conforme postulado por Fiorin:

> O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada,

> que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. No modelo que estamos apresentando, os patamares do percurso são três. [...] Os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo (FIORIN, 2000, p. 17).

Desse modo, sob aplicação dos níveis de análise, o percurso vai gerando sentido. A partir disso, a disciplina, em que se empenhou o estágio docência, promoveu o ensino e a apresentação desse percurso da semiótica, perpassando desde o nível fundamental, por conseguinte o narrativo, até o discursivo, englobando a sintaxe e a semântica de cada um. Na aula da regência, especificamente, como apontado inicialmente neste capítulo, lecionou-se a *semântica discursiva*, concernente à tematização e figuritivização do percurso.

A regência de estágio docência: semântica discursiva – teoria e análise em sala

Na regência, propriamente dita, primeiramente, apresentamos, por meio de *slide* e apresentação dialogal, o aspecto teórico/teorização da semântica discursiva. Para isso, baseamo-nos em estudos já existentes, citando variados autores sobre um mesmo conceito, a saber:

Citação 1

"Sendo a figurativização caracterizada pela especificação e a particularização do discurso abstrato, enquanto apreendido em suas estruturas profundas [...]" (GREIMAS; COURTÉS, 2021 [1993], p. 212).

Citação 2 e 3

Correspondem ao enriquecimento semântico do discurso já mencionado" (BARROS, 2019, p. 206).
Sobre a tematização, especificamente, é quando ocorre a disseminação no discurso dos traços semânticos tomados de forma abstrata. Já a figurativização são traços semânticos somados a traços sensoriais, elementos que causam um efeito de concretização sensorial (BARROS, 2019, p. 206).

Citação 4

> "Figurativização: Todo conteúdo de um sistema de representação (vídeo, verbal ou outro) que tem um correspondente no plano da expressão do mundo natural, isto é, da percepção. As formas de adequação, configuradas pelo uso, entre a semiótica do mundo natural e a das manifestações discursivas, formam o objeto da semiótica figurativa" (BERTRAND, 2003, p. 420)

Paralelamente, fomos explicando o que são esses conceitos e, além disso, apresentando quem são esses autores, suas produções e relevância. Posteriormente à apresentação teórica do assunto temático da aula, passamos, então, à explanação de textos, das mais variadas linguagens, para análise temática e figurativa em conjunto, entre estagiário-professor e graduandos.

Análises conjuntas

Uma vez tratadas as questões teóricas do tema da referida aula, passamos às demonstrações e realizações conjuntas de análises temáticas e figurativas de mais variados tipos de textos. Para tais demonstrações, utilizamos como base alguns trabalhos, artigos científicos, que analisam tais textos apresentados por meio dos mesmos critérios semânticos discursivos.

Para exemplificar análises no âmbito da tematização e figuratização com textos literários, utilizamos, por exemplo, como base o artigo de Azevedo (2023) – que analisa poemas de Olavo Bilac sob a temática do *envelhecimento*. Após a leitura do poema, foram realizadas as seguintes perguntas disparadoras aos acadêmicos:

- Vocês conheciam esse poema e esse autor?
- Quais temas vocês percebem estar presente nesse texto a partir de nossa leitura?
- Por quê? Que elementos/palavras-chaves que fazem vocês perceberem esses temas?

Por esse caminho, os graduandos foram associando o tema do texto, que nesse caso é o do *envelhecimento* (AZEVEDO, 2023) e que

tais "palavras-chaves" eram, na verdade, as figuras que concretizam o tema. Os graduandos perceberam, por exemplo, que nesse caso, tal tema é figurativizado de diversas maneiras:

1. pelo título;
2. pelos destinadores "neto" e "avó";
3. por todos os elementos/figuras citadas na fala do neto;
4. e pela fala da avó - "estou farta de viver" (BILAC, 2019).

Encerrados tais apontamentos acerca do texto literário, apresentou-se também outro tipo de texto: o texto plástico, mais especificamente, escultórico. Dessa maneira, utilizamos como base o estudo de Azevedo[1] e Batistote (2022), para análise do monumento turístico "Cavaleiro Guaicuru"; e o estudo de Azevedo e Silva (2022), para análise da escultura religiosa de Nossa Senhora Aparecida. Os graduandos perceberam, já de início, que, por mais que tais textos fossem igualmente escultóricos, possuem temáticas distintas. A partir disso, apresentadas as esculturas aos estudantes por meio de *slide*, foram realizadas as mesmas perguntas disparadoras de quando apresentado o poema anteriormente. Diante disso, os acadêmicos puderam perceber a teoria sendo aplicada e os resultados analíticos da apreensão semântica discursiva para além de textos verbais, mas em textos não-verbais também.

Igualmente conforme constatações de Azevedo e Batistote (2022), os estudantes chegaram à conclusão de que a escultura indígena possuía:

1) Tema de Guerra/Ataque, figurativizado pela lança
2) Tema de identidade guaicuru, pois mesmo sendo indígenas nativos do continente sul americano, carregam traços particulares de seu comportamento que os tornam diferentes dos demais; na escultura, figurativizado pela maneira pela qual o indígena utiliza o cavalo como um veículo de ataque.

1 O fato da utilização de explanação de variados artigos do próprio mestrando-estagiário para a aula possuiu intencionalidade, a fim de apresentar aos alunos a proximidade e competência deles à produção e vida científica, servindo, inclusive, como incentivo e exemplificação de construção de trajetória acadêmica.

3) Tema de identidade fronteiriça - figurativizado pelas folhas e plantas, específicas

Ademais, além dos textos literário e escultóricos, foi apresentado o texto fílmico *Thriller*, de Michael Jackson[2], para os graduandos analisarem. Encerrado essas análises de tematização e figurativização, um último ponto tratado nesta aula foi acerca da noção *isotopia*. Da mesma forma, apresentou-se apontamentos teóricos de semioticistas, como a seguinte citação de Bertrand (2023, p. 421), apresentada em *slide*:

> "Recorrência de um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado, que produz um efeito de unidade e permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso. Diferente do campo lexical [...] e do campo semântico [...] a isotopia não tem horizonte a palavra, mas o discurso. Ela pode assim referir-se ao estabelecimento de um universo figurativo (isotopias de atores, tempo e espaço), mas também à tematização desse universo (isotopias abstratas, temáticas, axiológicas), e sobretudo à hierarquia entre as isotopias de leitura (por identificação de um núcleo isotopante que rege as isotopias denível inferior) [...]" (BERTRAND, 2003, p. 420-421)

E, posteriormente, foram apresentados dois textos – advindos do artigo de Lara (2016) que, por meio dos textos, identifica isotopia temática e isotopia figurativa -, para os estudantes analisarem e estipularem que tipo de isotopia foram recorrentes.

Considerações finais

É certo que este texto não relatou minimamente acerca do processo pedagógico e tampouco trouxe a noção da experiência a partir da subjetividade do presente autor, contudo, é graças a esse manuscrito que se registrará precedentes publicados acerca da existência de uma ação de estágio docência em semiótica discursiva na graduação – fato esse não constatado sob pesquisa bibliográfica.

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fqMup9bnA2A>. Acesso em: 28 mar. 2023.

Dessa maneira, esse texto, evidenciou, dentre outras questões, tanto acerca da divulgação desta teoria na graduação e para além dela, como atualizou o cenário dos estudos e ações semióticas na graduação.

Referências

AZEVEDO, Renan Ramires de.; BATISTOTE, Maria Luceli Faria. Análise semiótica do texto-escultura 'Cavaleiro Guaicuru'. **Fólio – Revista de Letras**, v. 14, n. 2, 2022.

AZEVEDO, Renan Ramires de. Olavo Bilac e a Velhice: enunciação sob versos parnasianos. **Ícone – Revista de Letras**, v. 23, n. 1, 2023.

AZEVEDO, Renan Ramires de.; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Multissemiose e Discurso Religioso: análise semiótica do texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida. **EntrePalavras**, v. 12, n. 3, 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). **Introdução à Linguística II:** princípios de análise. 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2019. p. 187-220.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária.** Bauru: EDUSC, 2003.

BILAC, Olavo. **A velhice**. In: _____. Poesias Infantis. Atlântico Press, 2019. p. 51.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso.** 9.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica.** 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

LARA, Glaucia Muniz Proença. A produtividade da noção de isotopia na construção de sentido do texto. **Seminário de tópico variável em**

análise do discurso: noções básicas de semiótica do discurso, p. 1288-1296, 2016.

MARINHO, J. I. R. et al. Figurativização e Tematização em uma tira Armandinho, de Alexandre Beck. In: **Anais do Congresso Nacional Universidade**, EAD e Software Livre. 2020.

OLIVEIRA, Adriano Dantas de. A figurativização do mar na canção popular: percepção, sentido e provas de persuasão. **Revista Interfaces**, v. 8, n. 3, p. 73-87, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise 16, 18, 19, 21, 23, 25, 28, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 52, 53, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 65, 70, 74, 75, 76, 79, 83, 84, 87, 88, 94, 98, 99, 100, 101, 111, 112, 116, 117, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140

F

Figurativização 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 67, 68, 69, 85, 86, 92, 101, 102, 106, 111, 133, 138, 140

Fotografia 64, 69, 70, 82, 83, 84, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

L

Livro 2, 19, 40, 79, 83, 85, 100, 104, 106, 111, 133

M

Mulher 18, 27, 29, 59, 92, 93, 94, 98, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 113

Mundo 2, 16, 18, 19, 25, 26, 27, 28, 29, 40, 43, 54, 55, 85, 86, 100, 101, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 116, 129

N

Narrativo 16, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 32, 33, 37, 42, 48, 53, 55, 56, 57, 59, 66, 67, 69, 85, 86, 100, 117, 125, 126, 127, 128, 135

S

Semiótica 16, 19, 20, 25, 28, 32, 33, 40, 42, 47, 49, 52, 54, 55, 56, 61, 64, 65, 78, 79, 83, 84, 85, 95, 99, 100, 111, 112, 113, 116, 117, 124, 125, 134, 135, 138, 139, 140

Sentido 16, 20, 22, 25, 28, 40, 41, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 64, 65, 66, 69, 71, 75, 78, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 93, 100, 102, 116, 121, 124, 125, 127, 134, 135, 139, 140

T

Texto 4, 16, 19, 20, 28, 32, 34, 40, 41, 43, 47, 48, 57, 58, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 101, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 126, 127, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 139

SOBRE OS AUTORES/ORGANIZADORES

Renan Ramires de Azevedo (organizador) **–** É mestrando em Estudos de Linguagens (PPGEL), 2022-2023, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduado em Letras com habilitação em Português-Espanhol (FAALC/UFMS). É membro do Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (SEMIOMS). E-mail: renan_ramires@outlook.com.

Sueli Maria Ramos da Silva (organizadora) – Doutora em Semiótica e Linguística Geral- FFLCH-USP, Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: sueli.silva@ufms.br.

Bruna Rodrigues Salles - é graduanda em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e membro do grupo de pesquisa LEHViC (Laboratório de Estudos do Horror e da Violência na Cultura).

Daniela Neves Urbanek - é graduanda em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Eliel de Oliveira Dias - é graduando em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do grupo de pesquisa de Usos e funções de iconografia em relatos jornalísticos.

Gabrielly Santana de Oliveira - é graduada em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Indaya de Souza Nogueira - é graduanda em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e membro do grupo de pesquisa NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados).

Jaisson Ilizandro Negromonte Parreira - é graduando em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Lohayne dos Santos Souza - é graduanda em Letras, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Lívia Barros Medina - é graduanda em Jornalismo, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e membro do grupo de pesquisa de Usos e funções de iconografia em relatos jornalísticos.

Pâmela dos Santos Fuzaro – atualmente, é mestranda em Estudos de Linguagens, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SEMIÓTICA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO

Este livro digital foi desenvolvido a partir da ação de Estágio Docência na disciplina Semiótica Discursiva I, a fim de reunir os resultados desta disciplina ofertada no período 2022.2, pelos Cursos de Letras, da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). De maneira geral, ressalta-se que este Estágio Docência é advindo do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), como requisito obrigatório aos alunos bolsistas do Programa, desenvolvido em parceria com o professor supervisor da disciplina. No que concerne à disciplina Semiótica Discursiva I, ela não faz parte da grade regular de disciplinas obrigatórias dos Cursos de Letras, sendo ofertada, portanto, com caráter optativo naquele semestre. Desse modo, sua oferta foi expandida, para além dos Cursos de Letras, para os cursos da FAALC como um todo, englobando os cursos: Letras com Habilitação em Português e Espanhol; Letras com Habilitação em Português e Inglês; Jornalismo; Audiovisual; Artes – Licenciatura; e Música.

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065